



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Formação de Professores

**O movimento na realidade: desafios e perspectivas na relação família/
escola.**

Bruna da Silva Santos.

Orientadora: Prof^ª.Dr. Helena Amaral Fontoura.

São Gonçalo
2010.

O movimento na realidade: desafios e perspectivas na relação família/ escola.



Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Pedagogia, ao Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª.Dr. Helena Amaral Fontoura.

São Gonçalo

2010.

Aprovada em _____

Banca Examinadora

Prof^a.Dr. Helena Amaral Fontoura.

Prof.Dr. Inês Ferreira de Souza Bragança.

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

S237 Santos, Bruna da Silva.
O movimento da realidade: desafios e perspectivas na relação família/escola / Bruna da Silva Santos. – 2009.
53 f.

Orientador: Helena Amaral Fontoura.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1.Educação- Participação dos pais. 2. Relação Família –escola I. Fontoura, Helena Amaral. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação.

CDU 37.064.1

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de uma maneira muito especial aos meus pais Paulo Sérgio e Heloiza Helena. Com vocês aprendi que podemos sonhar e devemos perseverar, mesmo quando as circunstâncias da vida nos dizem não. Por isso cheguei onde estou hoje, e devo isso ao amor e educação que me dedicam a cada dia. Muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, o autor da minha vida, aquele que continua realizando milagres mesmo quando tudo parece impossível. A Ele toda honra e gratidão.

A toda minha família (avó, tios(as), primos(as), irmão, cunhada e sobrinho) pelo apoio, amor e por sempre acreditarem no meu sonho.

Aos amigos que diretamente me auxiliaram na execução deste trabalho, Priscilla, Sirlei, Thais, Thiago e Treicy. Com vocês aprendi que relações podem ser estabelecidas e que através delas crescemos como pessoas e nos tornamos melhores. Obrigada por termos sido um grupo desde o início de nossa formação acadêmica.

Aos meus irmãos em Cristo da A.D.M.O e PIBARG, pessoas que intercedem pela minha vida, e com seu amor me ensinam a cada dia que juntos somos melhores.

As escolas, familiares e pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho. Aos meus alunos da Escola Municipalizada Lúcio Thomé Feteira, seus familiares e todos os funcionários que têm me apoiado e ensinado a crescer como ser humano e profissional.

À professora Helena Fontoura, por sua sensibilidade, dinamismo, carinho e sabedoria com que me acolheu em um momento onde eu mesmo quase pensei que não seria possível concluir este trabalho, ela confiou e seguiu ao meu lado, me estimulando e dizendo que daria certo. Você é muito especial para mim!

À professora Inês que fez a leitura como parecerista, obrigada por sua serenidade e gentileza, elas são ensinantes. Não poderia deixar de mencionar a professora Adir Luz, que trilhou comigo no início deste trabalho, mesmo não podendo segui-lo até o final, entendi que todos os percursos que trilhamos em nossa vida são importantes e todos têm um propósito.

Obrigada a todos vocês e que Deus os recompense de maneira especial!

“A luta é transformar o sonho em projeto e o projeto em realidade”.

José de Souza Martins.

Resumo

O presente estudo intitulado “O movimento na realidade: desafios e perspectivas na relação família/escola” buscou investigar a perspectiva da escola em relação à família e principalmente da família em relação à escola, em aspectos como: importância, expectativas, função social, contribuições dentre outros. Ao longo do trabalho buscamos discutir o conceito de participação e os desafios para que a mesma ocorra entre essas duas instituições na atualidade, conceito este tão difundido, porém que se restringe muito mais a questões de aprendizagem ou ausências. A pesquisa de campo foi realizada na Escola Estadual Municipalizada Lúcio Thomé Feteira, através de entrevistas com as professoras da unidade escolar e mães representantes da família na escola, ao explicitarem como ocorre esta relação, os benefícios da mesma e até mesmo os entraves para que esta relação se desenvolva. Entendemos assim que uma condição importante na relação entre família e escola é a criação de um clima de respeito mútuo, favorecendo sentimentos de confiança e competência, tendo claramente delimitados os âmbitos de atuação de cada uma. Visamos que este trabalho venha contribuir à sociedade no sentido de estimular educadores e responsáveis a refletirem sobre a importância de desenvolverem subsídios para que haja um diálogo construtivo e reconheçam suas realidades e necessidades a favor da educação.

Palavras chave: relação família – escola; percepção da família; participação.

SUMÁRIO.

| | |
|---|-----------|
| MEMORIAL..... | 8 |
| INTRODUÇÃO..... | 15 |
| CAPÍTULO 1. A RELAÇÃO FAMÍLIA / ESCOLA..... | 18 |
| 1.1- BREVE HISTÓRICO..... | 18 |
| 1.2-A FAMÍLIA E A ESCOLA BRASILEIRA..... | 22 |
| CAPÍTULO 2. A FAMÍLIA E A ESCOLA CONTEMPORÂNEA: OS DESAFIOS DA PARTICIPAÇÃO..... | 27 |
| CAPÍTULO 3.O MOVIMENTO NA REALIDADE: AS PERSPECTIVAS DOS SUJEITOS..... | 35 |
| 3.1- CONVERSA INICIAL ESTREITANDO RELAÇÕES COM OS SUJEITOS..... | 35 |
| 3.2- COMO PERCEBEMOS A ESCOLA?..... | 38 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 47 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 50 |
| ANEXO I - ROTEIRO DE ENTREVISTA- PROFESSORAS..... | 52 |
| ANEXO II- ROTEIRO DE ENTREVISTA- FAMÍLIA..... | 53 |

Memorial.

“É melhor tentar e falhar que preocupar-se e ver a vida passar.

É melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final.

Eu prefiro na chuva caminhar, que em dia triste em casa me esconder.

Prefiro ser feliz, embora louco, que em conformidade viver”.

Martin Luther King.

Como em toda relação para ser estabelecida precisa-se ter uma apresentação inicial da pessoa com quem está se comunicando, trarei aqui um pouco de minha história, meus percursos e trajetórias que a cada dia foram me constituindo como ser humano.

Nasci na cidade de São Gonçalo, cidade que cresci e onde resido até os dias de hoje, moro com meus pais no lugar que até o nome explicita como é bom residir nele, que é no bairro do Paraíso.

Meus pais sempre foram pessoas simples, batalhadoras e que sempre me ensinaram o valor da educação, sempre me apontaram que este é o melhor caminho para o sucesso: o estudo.

Diante dos ensinamentos de minha família, a base de minha vida, seguir os conselhos dos meus pais se tornou algo não só necessário, mas também algo que me fez a pessoa que sou hoje e tentarei relatar.

Minha trajetória estudantil iniciou-se aos 5 anos de idade numa pequena escola do bairro em que morava, uma escola acolhedora onde fiz muitos coleguinhas, as professoras eram amáveis e com algumas ações que marcaram minha vida como: as músicas, a hora do recreio, a casinha de boneca, a oração do lanche, momentos muito especiais.

A escola sempre foi um lugar que marcou muito minha trajetória de vida, tanto em aspectos positivos quanto em aspectos negativos, mas todos os momentos sempre foram muito ensinantes. Estudei até a antiga 1º série (atual 2º ano de escolaridade) na escola particular, fiz muitos amigos, aprendi a ler, escrever, e aprendi a admirar meus professores e

também a imitá-los. Como as mensalidades na escola particular foram encarecendo e meu pai não tinha condições financeiras de manter meu irmão e eu na escola, tivemos que ir estudar na escola pública.

Comecei a estudar em uma escola pública de pequeno porte e lá fiz amigas que tenho até os dias de hoje, minha admiração pelas professoras aumentavam, a maneira com que explicavam a matéria, como chamavam a atenção dos alunos, dentre outras, quando chegava em casa a minha brincadeira favorita era de brincar de escolinha; como em minha rua tinha mais meninos, do que meninas brincava era com minhas bonecas mesmo, eu tinha muitos papéis, livros, cadernos velhos e um quadro negro que ganhei de presente do meu pai, aquela era a minha escola, colocava as bonecas enfileiradas, passava dever no quadro, gritava com as bonecas, estava me realizando na brincadeira, ali eu era a professora, “a tia Bruna”.

Fui crescendo e até os doze anos de idade ainda gostava de brincar de escolinha, mas como já estava na 6^o série a brincadeira já estava começando a se tornar algo sério. Como morávamos numa localidade carente, e as crianças da mesma tinham dificuldades na escola, começávamos a “brincar de escolinha” na varanda de minha casa e ali eu ensinava o que aprendia e o que já sabia dos conteúdos do colégio. Lembro-me que logo que eu aprendi tabuada de multiplicar por dois, eu queria ensinar as minhas colegas, como elas não aprendiam, pois ainda estavam na série anterior que a minha, eu gritava com elas e com os meninos que também estavam brincando, acabava que todos iam embora, pois eu era muito exigente, mas eles sempre voltavam outros dias para brincarmos e tirar as dúvidas da escola.

No ano de 1997 comecei a frequentar a igreja evangélica, aprender mais e mais sobre Deus, sobre seu amor algo que foi muito marcante em minha vida, era uma adolescente na época, e me decidi em uma religião, queria experimentar o amor de Deus em minha vida de uma maneira intensa. Com alguns meses de convertida, pedi a Deus em uma oração que desejava servi-lo trabalhando com as crianças, na área do ensino. Não demorou muito, uma colega que estava grávida me convidou para trabalhar com as crianças ministrando aulas na Escola Bíblica Dominical, ela me ensinou até precisar ficar de repouso e ter o bebê, depois fiquei ministrando as aulas enquanto ela cuidava de seu filho. Daí em diante não deixei mais de trabalhar com crianças na igreja, já são 12 anos dedicados a ensinar a palavra de Deus, algo que faço com amor e aprendo muito a cada experiência que tenho.

Terminei o ensino fundamental no ano de 1998, fiz muitas amizades, aprendi coisas novas, e estava me preparando para o 2^o grau, etapa na qual iria escolher minha formação. Como sempre gostei de dar aula e já estava dando aula na igreja, queria aprender mais sobre como ensinar, e o que fazer, então pedi à minha mãe para me matricular no Instituto de

Educação Clélia Nanci, escola que oferece o curso Normal na cidade. Conseguir a vaga já foi um desafio, pois as vagas já tinham terminado, pois eram muito concorridas e minha mãe havia perdido o prazo de inscrições anteriores. Não desistimos e no dia posterior minha mãe voltou à escola e conversou com a diretora, e naquele dia havia duas desistências o que fez com que eu pudesse ser matriculada no Instituto de Educação, no ano de 1999.

O primeiro desafio enfrentado no Clélia Nanci que marcou minha vida de uma maneira triste, porém desafiadora e estimulante, foi no 2º ano pedagógico, em uma aula da disciplina de Metodologia da Língua Portuguesa. A professora pediu em uma turma de 45 meninas para ver os cadernos, e ao corrigi-los ele estava avaliando a letra das alunas, essa questão sempre foi um ponto sério em minha trajetória escolar, pois minha letra era feia demais, minha mãe comprava diversos cadernos de caligrafia para eu exercitá-la, pedia às professoras do ensino fundamental para passar exercícios neste caderno para ver se minha caligrafia melhorava, mas eu detestava escrever neles, pois nunca conseguia seguir as linhas e fazer as palavras de acordo com que era estipulado.

A professora estava escrevendo considerações acerca das caligrafias observadas, quando me chamou em sua mesa, ao ver a minha folha de fichário olhou para o meu rosto e disse que aquela letra não era letra de professora, e que eu nunca seria professora com aquela letra e escreveu em meu caderno que eu deveria melhorar a caligrafia. A minha vontade naquele dia foi a de não voltar mais à escola, e desistir de tudo que tinha sonhado, porém o trabalho que ela havia passado naquele dia era o de escrever justamente a citação que coloquei antes de iniciar o trabalho, de Marthin Luther King.

Aquela frase me fez refletir, chorar, acreditar e crer que os sonhos e os propósitos de Deus não podem ser frustrados. Eu decidi então tentar, comecei a treinar no caderno de caligrafia, a exercitar mais a minha escrita, busquei me superar, vi naquelas palavras um desafio a ser alcançado. Foi o que aconteceu, no segundo bimestre quando ela viu meu caderno, minha caligrafia estava bem melhor, ela pensou até que alguém estava escrevendo para mim. Senti a partir daquele momento que nada mais iria me fazer desistir, pois aquela citação ainda faz parte de minha vida. Descobri naquele dia, que a vida é feita de tentativas, e se não arriscarmos nunca conseguiremos realizar os nossos sonhos. Me formei no Curso Normal no ano de 2001, e mostrei para mim mesma que só quem poderia deixar desistir do meu sonho seria eu mesma.

Com três meses de formada comecei a colocar currículo nas escolas da localidade e consegui uma vaga no Centro Educacional Carrossel; inicialmente ficaria com uma turma de 3º período, mas como auxiliar de turma. Como sempre gostei de aprender, me oferecia para

fazer as atividades e ficar mais tempo com os alunos, então a professora da turma que era a diretora quase não ficava em sala, pois via o meu desejo de aprender; enfrentei muitos desafios, pois nunca tinha trabalhado em escola particular, tinha 18 anos na época e as dúvidas do dia-a-dia, como brigas entre as crianças, a cobrança dos pais, o ensino dos conteúdos, traziam à tona a questão da prática em relação ao que aprendi no Curso Normal.

Como não queria parar de estudar, comecei a pensar em fazer uma faculdade, mas sabia que não poderia pagar uma faculdade particular, pois o que ganhava na escola era metade do salário das professoras, mas como queria muito aprender a prática pedagógica continuei na escola. Matriculei-me no pré-vestibular popular, e comecei a estudar. Trabalhava à tarde na escola e estudava à noite. Inicialmente iria fazer pedagogia, mas depois optei por fazer geografia, até porque depois de três meses decidi sair da escola, estava muito cansada, a inexperiência, as cobranças e o preconceito por não ser a professora da turma, mas a ajudante que ganhava metade do salário das professoras, me fizeram repensar se estava valendo a pena continuar na escola, ou me dedicar ao estudo para o vestibular.

Ao sair da escola em que trabalhava, consegui um estágio na Secretária de Cultura do Estado, no Projeto do Estado chamado “Jovens pela Paz” e lá trabalhava realizando serviços administrativos com uma engenheira e um arquiteto, pessoas que guardo em minha memória em relação a coisas boas que me ensinaram, à força que me deram e o respeito com que me tratavam, e eu era só uma estagiária (fizeram até festa em meu aniversário), eles sempre me deixavam estudar, logo, assim que terminava meu trabalho, podia pesquisar na internet e levar os livros e as apostilas do pré-vestibular, estavam sempre me estimulando, porém não passei no meu primeiro vestibular, que tentei para geografia, havia feito para a UFF e UERJ.

Não desisti, o contrato do Projeto terminou, não havia passado no vestibular, mas precisava ter forças e tentar mais uma vez. Foi quando em 2003, decidi prestar vestibular para pedagogia, e queria estudar na UERJ, pois era o local mais próximo da minha casa devido ao dinheiro à passagem, lembro-me que tinha que colocar blusa da escola do meu irmão para ir ao pré-popular, pois não tinha dinheiro para o ônibus.

Em 2004 passei no vestibular para Pedagogia na UERJ, o início de um sonho que começou a se realizar. Os colegas de turma que seguiram até a conclusão do curso, os que desistiram no caminho, as inúmeras xerox, os trabalhos, palestras e seminários, as notas, a falta de verba, os estágios, os professores, as leituras, as conversas e os sonhos, todas essas atividades que fizeram e fazem parte da minha vida acadêmica que estão guardadas e ficaram para sempre registradas na memória e no coração.

Durante o período que estava na faculdade não trabalhei em escola, só realizava os estágios e fiz um estágio remunerado no SENAI de assistente administrativo, pela empresa em que minha tia trabalha. Foi o dinheiro que ajudou em minha formação acadêmica, para tirar xerox e comprar material para os trabalhos que tinha que fazer. Quando estava no 7º período, próximo ao término das disciplinas na faculdade, e ainda faltando a monografia, prestei concurso para a rede Municipal de Educação de São Gonçalo. Prestei a prova em 2007, como não estava estudando para concurso, e nunca havia feito nenhum, pensei que não passaria devido ao número de pessoas concorrentes e com mais experiência e formação que eu. Foram feitas as convocações, no início do ano de 2008, e na segunda chamada eu fui convocada. A minha alegria juntamente com minha família em ver meu nome no diário oficial, foi inexplicável, mais uma conquista para quem nunca desistiu de sonhar e agir, para que os sonhos se tornassem realidade.

Escolhi uma escola localizada no bairro Vila Lage, não conhecia muito o lugar, mas como era próxima à minha casa decidi levar minha matrícula para a Escola Estadual Lúcio Thomé Feteira, logo que cheguei próximo à comunidade que a escola está situada, o senhor a quem pedi informações disse que a escola ficava situada em uma área de risco e muito perigosa. Senti muito medo e arrependimento inicialmente, algo me dizia que um uma nova experiência de vida estava para começar.

Quando cheguei à escola senti medo e tristeza ao mesmo tempo, a escola estava largada, com aspecto de abandono. Conheci a escola, e no dia seguinte comecei a lecionar para a turma do 2º ano, comecei a perceber a realidade do local, as crianças muito agressivas, faltava tudo, a escola não tinha material, a diretora dizia que a verba era pouca, os professores trabalhavam descontentes e faziam o que dava, segundo eles. Como entrei na escola em julho, fiquei com a turma apenas 5 meses. A experiência foi grandiosa, estava em uma comunidade onde constantemente a polícia entrava atirando para pegar bandidos do tráfico de drogas no local, estava constantemente nos jornais da cidade, faltavam professores, pois os que entravam pediam remoção devido à violência no local, falta de material para trabalhar e dificuldades de relacionamento e aprendizado dos alunos.

Ao iniciar o ano de 2009, e devido às experiências ocorridas no ano anterior, pensei em sair da escola, pois todos os 5 professores que estavam na unidades pediram remoção para outro lugar, e eu não iria ficar ali sozinha, mas como sempre gostei de desafios e acredito que a educação é uma ferramenta poderosa de transformação, percebi que aquele lugar poderia me ensinar muitas coisas, e poderia contribuir de alguma forma para ver coisas especiais acontecendo naquele lugar, onde muitos falavam que estava fadado a fechar.

O ano letivo de 2009 começou, e com ele as mudanças para melhor, pelo menos dentro da escola, a comunidade ainda continua violenta, não pelos moradores que são unidos e mostram uma vontade de viver em meio às carências e dificuldades de uma forma espetacular, mas pelo tráfico de drogas existente, fazendo com que haja constantes confrontos na localidade em que a escola está inserida.

Este ano a escola teve muitos progressos, a mudança da gestão que tem se dedicado a melhorar a escola, os recursos do governo federal, que tem melhorado a infra-estrutura do local, os projetos para atender as carências em termos de aprendizagem, atividades diversificadas como: esportes; inclusão digital; letramento; oficinas de matemática; a alimentação que melhorou muito e tem auxiliado na complementação alimentícia de muitos alunos que tem carência em casa.

Tive também que aceitar o desafio de dar aula para a turma mais “barra pesada da escola”, dentre os poucos professores que tinham ninguém queria dar aula com esta turma, um professor ficou quinze dias, o outro ficou três dias e uma outra professora ficou um mês. Os alunos eram muito agressivos, as brigas na sala eram constantes, tinha que separar briga de alunos maiores que eu, com sérios problemas de relacionamento, uma grande quantidade de alunos com distorção idade-série, dificuldade de aprendizagem, dentre outras coisas.

Quando comecei com a turma, muitos diziam que eu não iria agüentar que eu iria ficar maluca. Pedi muita força, sabedoria e amor para ficar com a turma até o final do ano letivo. Fui desenvolvendo estratégias, buscando conversar com a família dos alunos, trabalhar com regras, e desenvolver atividades mais lúdicas (jogos, filmes, confecção de cartazes em grupos, atividades artísticas), atividades que demandavam tempo, criatividade e muita dedicação.

Tive problemas de saúde, estava esgotada física e emocionalmente, até que chegaram as férias de junho, um momento de reflexão sobre a minha vida e prática profissional, estava decidida a deixar a escola, porém já tinha percebido muitas mudanças naquela escola, então por quê não continuar? Ficamos um mês de férias devido ao surto de gripe suína, foi aí que pude me restabelecer em termos de saúde.

Paguei pra ver, continuei com a turma, e muitos diziam que eu merecia um troféu por "aturar aqueles alunos", mas como sempre acreditei no amor com que exerço minha profissão, a força e determinação que Deus sempre colocou em meu coração, consegui terminar o ano letivo com a turma do barulho. Vi coisas maravilhosas acontecendo em meio às dificuldades, descobri alunos artistas na favela; aluno cujo sonho era ser bandido, mas depois que descobriu em nossas aulas de música que na verdade ele quer é ser cantor de rap; aluna e aluno que sonham em serem professores como à tia Bruna (escreveram na prova do 4º bimestre, sobre os

sonhos). Vi coisas acontecendo na escola que nunca imaginaria ver, se não houvesse muita vontade de sonhar com coisas diferentes acontecendo em favor daquele lugar, que aos poucos vai retomando a qualidade que um dia foi perdida.

Terminamos o ano letivo em uma escola completamente diferente da qual eu entrei, com passeios pedagógicos, material escolar, regras, respeito e participação da família na escola, projetos pedagógicos, festas com a presença da comunidade, verbas visando à melhoria da escola e qualidade da mesma, “Projeto mais educação”, dentre outras melhorias.

Acredito que muitas coisas acontecerão naquela escola, e que os alunos que lá estudarem serão profissionais e terão uma vida melhor, pelo menos este é o meu sonho, mesmo diante de tanta violência, morte e dificuldades que vejo e me relatam todos os dias antes de começar a aula, ou quando almoçamos juntos, ou em momentos que sento com eles para bater papo. Este lugar me ensina a sonhar e tem me feito uma pessoa mais forte diante das dificuldades da vida.

Tentei neste memorial traçar um pouco de minha vida, os erros, acertos, os aspectos positivos os negativos e as experiências que a cada dia me ensinam que a vida é uma verdadeira escola, e se decidirmos tentar, viveremos emoções, correremos riscos, choraremos, teremos alegrias, sonharemos e se não tivermos medo viveremos intensamente cada um desses momentos e eles ficarão para sempre em nossa memória e em nosso coração.

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão com o tema “A relação família e escola”, tem como objetivo estudar qual tem sido a perspectiva da família em relação à escola contemporânea, analisando desde a importância da escola na visão da família, seu papel social, quais as expectativas colocadas em relação à escola e qual a contribuição da mesma para que os objetivos sejam alcançados.

Ao longo do trabalho, pretendemos discutir o conceito que julgamos importante neste estudo e tão difundido atualmente nesta relação, que é o conceito de participação, tanto da escola com a família, quanto o da família com a escola, precisando ser analisado na prática entre essas duas instituições.

O interesse em desenvolver a monografia sobre este tema partiu das aulas da disciplina de estágio, realizadas no CIEP 237- Jornalista Wladimir Herzog, situado no bairro do Paraíso, no Município de São Gonçalo. Realizei os estágios nas turmas de Educação Infantil e na turma do 2º ano de escolaridade (antiga 1ª série). A reclamação por parte das professoras sobre a omissão e falta de participação da família na escola eram freqüentes.

Diante desta questão colocada pelos professores e refletindo no que diz Bragança (1997), em sua dissertação de mestrado “*Qual a importância da produção acadêmica na área educacional se elas não penetram na escola promovendo sua revitalização?*”, comecei a me interessar sobre o tema e pesquisar sobre o mesmo. Através da leitura de textos, ou entrevistas sobre o assunto, pude perceber como a escola tem reclamado da falta de participação da família na escola, e dizendo que a mesma está deixando a cargo da escola a responsabilidade de educar no sentido amplo da palavra (conteúdos, valores, normas de higiene, etc.), questiono-me então sobre as razões que levam a esta ausência da família na escola.

Um ponto que achamos importante ressaltar é a lacuna encontrada durante a revisão bibliográfica, que se refere muito mais à visão da escola sobre a família, e muito pouco sobre a visão da família em relação à escola. Outro ponto que gostaríamos de ressaltar é o enfoque dado à participação da família na escola, relacionado à aprendizagem somente.

Diante das questões colocadas anteriormente, temos como interesse de estudo não só buscar investigar a posição da escola nessa relação, mas a partir de outro foco de pesquisa, possibilitar à família explicitar como é a sua relação com a escola, e como se dá sua participação, de uma forma democrática, ao ter voz e ter seus direitos na mesma proporção dos seus deveres. Colocamos então a seguinte questão a ser problematizada: Qual a perspectiva da família em relação à escola contemporânea?

A partir desta questão tenho como hipótese que diante do discurso educacional a escola é a que na maioria das vezes se posiciona na relação que estabelece com a família tendo o “poder” de se colocar. Outra hipótese seria que para as famílias a escola é um espaço importante e um local que possibilita ao educando a garantia de ascensão social, ou seja, a educação como potencial transformador.

O presente trabalho analisou o tema “família e escola” a partir de referenciais teóricos como: Ariés (1981), Patto (1997), Sposito (1993), Paro (1995; 2001), Cunha (2000), Szymansky (1998). Realizamos a pesquisa através de entrevistas com professores e com os familiares da Escola Estadual Municipalizada Lúcio Thomé Feteira, sendo este o campo de pesquisa.

Inicialmente, as pesquisas seriam desenvolvidas no CIEP 237-Jornalista Wladimir Herzog, de onde partiram as indagações e questionamentos sobre o tema, porém no ano de 2008, passei no concurso público da rede municipal de São Gonçalo, e ao começar a lecionar na E. E. M. Lúcio Thomé Feteira, o tema se fizera presente tanto nas conversas entre os professores, devido à ausência da família na vida escolar da criança, quanto na forma em que a gestora da escola tratava a questão da participação da família no interior da mesma, dentre outros assuntos a serem desenvolvidos neste trabalho.

Este trabalho foi desenvolvido em três capítulos. No primeiro discorreremos sobre a relação família e escola analisando o contexto histórico dessas duas instituições, retratando o surgimento e a importância das mesmas.

No segundo capítulo pretendemos refletir sobre a relação família e escola na contemporaneidade analisando o conceito e as transformações ocorridas na chamada família pós-moderna, os papéis atribuídos à família e à escola na tarefa de educar, e os principais desafios enfrentados entre essas instituições relacionadas a esta tarefa. Buscaremos também discutir sobre o conceito e a importância da participação nesta relação, conceito este tão difundido e reivindicado na atualidade através de autores como Paro, Sposito, dentre outros.

Já no terceiro capítulo destacaremos a pesquisa de campo realizada na E. E. Municipalizada Lúcio Thomé Feteira abordando inicialmente um pouco sobre o histórico da instituição, e conhecendo a comunidade local através da fala das mães no tópico que denominamos conversa inicial. Buscaremos estreitar relações com os sujeitos da pesquisa, sendo essas as professoras da escola e mães representantes da família visando saber sobre as perspectivas das mesmas nos diversos aspectos discutidos nas entrevistas.

O trabalho aqui apresentado contribui com a sociedade no sentido de estimular educadores e responsáveis a refletirem sobre a importância de desenvolverem subsídios para

que haja um maior e melhor estreitamento entre si, tentando promover o reencontro, um diálogo construtivo e reconhecendo as realidades e necessidades de ambas a favor da educação.

CAPÍTULO I – A RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA.

1.1 – BREVE HISTÓRICO.

A relação família e escola configura uma problemática extremamente ampla, suscetível de ser abordada com base em diferentes campos disciplinares e grupos temáticos. Mesmo assim, vale destacar que se trata de uma relação complexa e, por vezes, assimétrica, no que diz respeito aos valores e objetivos entre as duas instituições, relação esta sujeita a conflitos de diferentes ordens.

Não tivemos a intenção de abordar o vasto leque de questões que o tema das relações família/escola possibilita investigar; inicialmente buscamos retomar a perspectiva histórica, baseada no estudo clássico “A História Social da Infância e da Família”, onde Ariès (1981) nos traz considerações sobre o surgimento dessas duas instituições que conhecemos hoje como família e escola, partindo principalmente de fontes francesas.

Segundo Ariès (1981), durante a Idade Média, a família tinha como principais objetivos a conservação dos bens, a prática comum de um ofício, a proteção da vida e a honra, o principal alvo da união entre marido e mulher não consistia na afetividade com os filhos, mas sim numa realidade moral e social. Os pais interagiam e viam com curiosidade o comportamento infantil, porém mantinham certa distância.

Conforme a visão de Ariès (1981), a família não desenvolvia um sentimento profundo entre pais e filhos. Além disso, enquanto a família vivia ora em grandes espaços, caracterizando-se como extensa, ora em casas pequenas abarrotadas de gente, eram escassos os sentimentos como amor conjugal e filial ou a valorização de laços afetivos entre seus membros.

Na sociedade medieval não havia condições objetivas para a constituição de uma noção de privacidade e intimidade entre os indivíduos em suas habitações. As famílias eram grandes agrupamentos compostos não apenas por parentes consangüíneos, mas também pelos servidores e protegidos. Viviam em grandes casas rurais ou urbanas aberta à visitação pública dos amigos, clientes, cléricos e visitantes. Não havia, nessas habitações, separação entre vida profissional, vida privada e vida social.

“As crianças nem sempre ocuparam o lugar que ocupam hoje e nem sempre receberam os cuidados que merecem. Os casamentos nem sempre foram por amor, pois nem sempre as pessoas tinham o direito de escolher seus parceiros e as casas nem sempre foram reduto privado de um núcleo familiar”. (SZYMANSKY, 1998, p.18)

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil; quando a criança alcançava alguma autonomia, era logo misturada aos adultos, sem passar pelas etapas intermediárias da latência e da puberdade. Segundo ainda este autor, até meados do século XV, o sentimento de família e infância era ausente na vida cotidiana das pessoas. As crianças eram vistas como “adultos em miniatura”, havendo um único mundo para adultos e crianças, dando-se a educação e as aprendizagens pela interação direta. Em linhas gerais pode se afirmar que a família medieval tinha por missão a conservação dos bens, a prática comum de um ofício e a ajuda mútua cotidiana.

Durante muito tempo, especialmente durante a Idade Média, a família era a única fonte de aprendizagem da criança até tornar-se adulta, ter suas próprias experiências e se tornar parte de outros segmentos da sociedade. Não só a própria família, mas muitas vezes, outras famílias ficavam incumbidas da educação das crianças. Uma forma muito comum na educação era o aprendizado por meio da prática, e muitas vezes essa prática não apresentava limites entre a profissão e a vida particular. O mesmo autor relata ainda que a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano eram transmitidos por meio do serviço doméstico.

A aprendizagem tinha como currículo a cultura que era passada de geração a geração. Dessa forma, a aprendizagem era contextualizada e direcionada especificamente a uma profissão ou aos serviços de cavaleiro. Como a educação da criança poderia ser transferida a outra família ou à Igreja, perdia-se o vínculo familiar entre pais e filhos. Assim, *“a família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental”* (ARIÈS, 1981, p.232).

Posteriormente, o sentimento de infância começou a ser desenvolvido, primeiro transformando a criança em fonte de distração para os adultos e, em seguida, pela preocupação moral dos eclesiásticos e moralistas. A partir do fim da Idade Média e o início da Era Moderna, entre os séculos XVI e XVII, a criança havia conquistado um lugar junto a seus pais, lugar este ao qual não poderia ter aspirado na era passada. Esse fenômeno comprova uma transformação considerável da família, que se concentrou na criança, e sua vida confundiu-se com as relações cada vez mais sentimentais com os filhos. Nesses séculos emergiram as afetividades, a intimidade física que não havia na era medieval. A criança tem

um lugar junto de seus pais, sendo lhe dada importância na família, fruto de uma nova organização sociocultural que emerge.

A família nuclear conjugal moderna quer dizer, pai, mãe e filhos, foi a consequência de mudanças na forma de atuação de outras instituições como o Estado e a igreja; isto significa que os laços familiares começaram a ser reconhecidos socialmente e a educação e criação de crianças nascidas da união de um casal passa a ser, cada vez mais, da responsabilidade da família.

Foi por volta do século XVIII que a família começou a delimitar uma área maior de vida particular e os costumes contemporâneos foram fortemente influenciados por esse sentimento da família que se desenvolveu na Europa a partir do século XVI, especialmente nas classes mais abastadas. Entre esses costumes está o de cada família morar na sua casa e ser responsável pela educação de seus filhos. Além disso, a comunidade tem diminuída a sua interferência em assuntos domésticos.

Segundo Melman (2002), a passagem da família medieval para a moderna deu-se principalmente pela mudança nas relações entre família e criança.

“A passagem da família medieval para a moderna implicou numa lenta e insidiosa construção de um novo conceito de família. Esta transformação foi possível porque a família modificou suas relações e atribuições com a criança”. (MELMAN, 2002, p.27).

Outro grande acontecimento no início dos tempos modernos foi a preocupação com a educação. Esse interesse animou um certo número de eclesiásticos e juristas ainda raros no séc.XV, mas cada vez mais numerosos e influentes no séc.XVI e XVII. Iniciou-se então uma verdadeira moralização da sociedade: o aspecto moral da religião pouco a pouco começou a prevalecer na prática sobre o aspecto sacro ou escatológico. As ordens religiosas fundadas então, como os jesuítas, tornaram-se ordens dedicadas ao ensino dirigido às crianças e aos jovens.

Passou-se a admitir que a criança não estava madura para a vida, e que era preciso submetê-la a um regime especial. A família deixou de ser apenas uma instituição de direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas.

Como relatamos anteriormente e, segundo Melman (2002) o cuidado dispensado às crianças passou a inspirar sentimentos novos, uma afetividade nova, isso no séc. XVII. Os pais não se contentavam mais em pôr filhos no mundo, a moral da época lhes impunha proporcionar a todos os filhos uma preparação para a vida. Ficou convencionalizado que essa

preparação fosse assegurada pela escola. A aprendizagem tradicional foi substituída pela escola no séc.XVII, sendo assim uma conseqüência dessa preocupação nova dos pais com a educação das crianças. As lições dos moralistas lhes ensinavam que era o seu dever enviar as crianças bem cedo à escola.

No momento histórico (séc. XVII) em que a unidade escolar, assumiu a educação formal, surge a preocupação com o acompanhamento mais próximo dos pais junto a seus filhos; foram elaborados tratados de educação para os pais com a finalidade de orientá-los quanto a seus deveres e responsabilidades. Os tratados de educação de século XVII insistiam nos deveres dos pais relativos à escolha do colégio e do preceptor, e à supervisão dos estudos, a repetição das lições, quando a criança ia dormir em casa.

Essas orientações refletiam expectativas da sociedade considerando um modelo específico de família nuclear burguesa, na qual a mulher era incumbida de formar os filhos - em razão de lhe ter sido atribuída essa capacidade “instintiva” e o homem recebeu a função de provedor. Como podemos analisar também na obra de Jurandir Freire Costa, no livro *Ordem Médica e Norma Familiar* (2004), como ocorria esta relação exemplificada pelo autor:

“O pai (...) deveria responsabilizar-se pela proteção material do filho, tinha que, por conseguinte, que buscar uma fonte de rendas que não se opusesse ao bem-estar das crianças. (...) a mulher ganhava um papel autônomo no interior da casa, o de iniciadora da educação infantil (.).” (COSTA, 2004: 170).

A família e a escola retiram juntas as crianças da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato.

Durante séculos, os mesmos jogos foram comuns às diferentes condições sociais a partir do início dos tempos modernos, porém operou-se uma seleção entre eles: alguns foram reservados aos bem nascidos, enquanto outros foram abandonados ao mesmo tempo às crianças e ao povo. As escolas de caridade do séc. XVII, fundadas para os pobres, atraíam também as crianças ricas. Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura e retiraram suas crianças daquilo que se tornaria um sistema de ensino primário popular, para colocá-las nas pensões ou nas classes elementares dos colégios, cujo monopólio conquistaram. As famílias e as classes reuniam indivíduos que se aproximavam por sua semelhança moral e pela identidade de seu gênero de vida. Como também nos relata Sposito no livro *A ilusão Fecunda* (1993).

“Ao mesmo tempo que se instituiu como meio especializado para a transmissão de parcela do conhecimento sistematizado e da cultura da sociedade, a escola foi concebida pelas teorias pedagógicas como meio protegido sem interferências do mundo externo, consubstanciada pela idéia de clausura”. (SPOSITO, 1993:165).

A família consolida-se principalmente depois da Revolução Industrial, quando ocorreu a organização populacional e a fixação em núcleos urbanos, transformando-se no tipo nuclear, composta basicamente por pai, mãe e filhos, constituindo assim a família patriarcal que se organizou em torno da figura do pai, fechada em sua intimidade e com um determinado padrão de educação para seus filhos.

Ao lermos alguns autores que também estudam o assunto como Poster (1979), o mesmo relata que por volta do séc. XIX e início do séc. XX as famílias das classes trabalhadoras também acabaram adotando o modelo de família nuclear burguesa, quando foram forçadas a deixar o campo e ingressar no trabalho em indústrias nas cidades.

1.2 - A FAMÍLIA E A ESCOLA BRASILEIRA.

Como ainda estamos analisando a questão histórica, trazemos para nossa reflexão o assunto baseado em nosso contexto, ou seja, a família e a escola brasileira.

No Brasil, segundo Melman (2002), a família era patriarcal rural, ou seja, assentada no tipo de produção para a exportação, a devastação da terra e o trabalho escravo. Na família colonial brasileira não havia qualquer preocupação especial com a intimidade ou privacidade. Do período colonial até meados do século XIX, a família brasileira habitava, em geral, em grandes casarões rurais, onde conviviam os filhos legítimos e naturais, agregados, parentes, idosos e escravos responsáveis por todo funcionamento da habitação.

A casa colonial, nessa época era um misto de unidades de produção e consumo. A família real no Brasil organizava-se em torno da figura do senhor, aquele que ocupava as funções de pai, marido, empresário e comandante da tropa, funções que eram exercidas no mesmo local, em sua própria casa.

A aprendizagem era transmitida pelo mestre. Desde muito cedo a criança se tornava independente de sua própria família, e mesmo que a ela voltasse mais tarde, a família era mais uma realidade moral e social do que sentimento entre pais e filhos, a família era, mas voltada para a transmissão de bens e nome.

Melman (2002) nos remete à idéia de que a escola se constituiu no marco fundamental dessa passagem, deixando de ser reservada somente aos cléricos para se tornar um

instrumento fundamental da iniciação social, do percurso da infância até a idade adulta. A escola passou a ser um meio de educação, rompendo o convívio da criança com o meio dos adultos, essa mudança não seria possível sem a construção de uma outra concepção da família.

Essa evolução correspondeu a uma necessidade nova de rigor moral e uma preocupação de isolar as crianças do mundo dos adultos, que cada vez mais era visto como algo sujo e ameaçador para as crianças, a escolarização foi ganhando cada vez mais espaço na sociedade. A escola passou a confinar a infância, antes livre do universo dos adultos, com o seu fortalecimento, a casa foi perdendo seu caráter social para tornar-se privada.

Percebemos ao analisarmos os fatos anteriores que as questões que envolveram o surgimento da instituição família e escola na Europa, se disseminaram também no Brasil, com suas especificidades.

Avançando um pouco mais em nossos estudos buscamos saber como se desenvolveu a relação entre família e escola no Brasil e, através do livro *500 anos de Educação no Brasil (2000)*, o autor Marcus Vinicius da Cunha, traz o texto intitulado: *A escola contra a família (2000: 447-468)*, no qual aborda o tema dando enfoque sobre a importância das duas instituições que possuem o objetivo de “*Conduzir pessoas, levando-as do lugar e estado que se encontram no presente para um espaço futuro, supostamente melhor, gravitando em torno do mesmo centro, o educando*”. (CUNHA, 2000: 447).

O autor tenta problematizar o assunto, buscando analisar o tema do ponto de vista da história da educação no Brasil. O mesmo faz alusão à posição ocupada pela escola diante das famílias, e coloca que a escola tornou-se mais do que uma simples instituição de apoio à família, mas posicionou-se contra a família.

Segundo Cunha, a escola jamais foi norteadada pelos mesmos princípios educacionais vigentes no lar. Ao longo da história, foi incorporado saberes científicos em oposição aos saberes domésticos tradicionais e diz: “*O discurso da ciência caracteriza-se por desqualificar a família no tocante à educação do corpo e do espírito*”. (CUNHA, 2000: 450).

O autor coloca que a escola surge como uma das várias frentes realizadas pelos higienistas para adequar pais, mães e filhos, ao que consideravam pertinentes às normas de saúde física, mental e moral. A história da cientificação da escola teve importante marco no séc. XIX, que coincidiu com a campanha levado a cabo pelos médicos higienistas para modernizar a família brasileira.

Cunha(2000) analisa a mudança ocorrida no âmbito social e a transição entre a escola cientificizada para uma escola renovada, onde, diante das mudanças sociais ocorridas

exigiam-se instituições de ensino capazes de educar a todos em especial as camadas mais pobres.

Aponta que, durante as décadas de 20 e 30, grandes reformas em todos os campos da educação escolar tornaram-se marcantes, com o objetivo de modernizar o Brasil e colocá-lo em sintonia com os países mais desenvolvidos econômica e culturalmente e essa modernização brasileira viria por intermédio da escola.

Esse novo ideário educacional ficou conhecido como Escola Nova, que consistia fundamentalmente em socializar crianças e jovens, ou seja, ensinar com o propósito de colocar o educando em condições de responder aos requisitos da sociedade. Diante da proposta do movimento educacional renovador, o país devia compor-se sobre o trinômio: saúde, moral e trabalho. Nesse empenho normalizador Cunha coloca:

“A família continuou sendo alvo privilegiado, pois se sabia que nada de produtivo e duradouro poderia ser feito com a criança na escola se não houvesse receptividade aos procedimentos pedagógicos no ambiente doméstico. A família, portanto, devia enquadrar-se, ou ser enquadrada, nos princípios ditados pelo discurso educacional renovador. Isso se aplicava, em tese, a todas as famílias, independentemente da classe social a que pertencessem”. (CUNHA, 2002: 457).

Com os avanços do modo capitalista de produção, a divisão social do trabalho atingiu seu ponto mais alto e produziu conseqüências nos lares, principalmente na redução significativa a relevância do agrupamento familiar, assim que as pessoas ganharam importância no espaço exterior a casa. A educação deixou de ser responsabilidade dos pais e passou a ser de responsabilidade dos poderes públicos constituídos. Percebia-se que os conhecimentos relativos à educação tornavam-se cada vez mais especializados e sofisticados. A família não podia educar pelo fato de a educação ter-se tornado assunto do Estado e por não serem tão capazes quanto os professores, imbuídos que eram dos saberes científico.

Ao analisar o discurso educacional renovador veiculado no Brasil, com vistas a discutir e compreender as relações entre família e escola, Cunha percebe que havia uma “intenção” de maior estreitamento da família com a escola, para instruir a família da educação dos seus filhos, atuando não como educadores exclusivos, mas como coadjuvantes, sendo assim, ele coloca:

“O sutil mecanismo normalizador consistia em admitir os pais como co-responsáveis pela educação de suas crianças e, ao mesmo tempo, habilmente mostrar-lhes que os educadores profissionais é que detinham a última palavra, eles e só eles, possuíam os conhecimentos sobre a melhor maneira de conduzir crianças e jovens na direção daquilo que à sociedade requisitava, a escola renovada elevava-se então contra a família”. (CUNHA 2000: 458).

Diante da análise histórica trazida através do texto *A Escola contra a Família*, Cunha nos possibilita refletir sobre o “poder” da escola ao posicionar-se no relacionamento com a família na época aqui explicitada e, ainda nos leva a possíveis considerações sobre os conflitos ocorridos entre essas instituições nos dias atuais, como por exemplo, sobre a perspectiva muita das vezes preconceituosas que muitas escolas têm das famílias, e vice e versa.

Ao lermos alguns autores que também contribuem consideravelmente neste estudo percebemos através de Faria Filho (1999), que vem acompanhando como, no Brasil, ao longo do séc.XIX, a institucionalização escolar vai lenta, mas inexoravelmente, se fortalecendo como o lócus fundamental e privilegiado de formação das novas gerações, estando diretamente relacionadas a isto a expansão da escolarização, o processo de profissionalização do magistério primário, dentre outros. Nesse processo, deslocam-se outras instituições (família, igreja...) de seus lugares tradicionais de socialização, produzindo-as, na maioria das vezes, como incapazes de bem educar em face de uma sociedade que se urbaniza e se complexifica, que supõe novas dinâmicas e padrões de comportamento, em face à sociedade moderna enfim.

Em seus estudos Filho (1999) também destaca nas primeiras décadas do século XX, o afastamento da família da escola, resultante em boa parte da ação dos defensores e instituidores da escolarização. É uma preocupação constante destes mesmos agentes. Postados no interior de um campo que ganhava cada vez mais especificidade e legitimidade, os professores e outros agentes da educação passam a reclamar do desinteresse dos pais, principalmente, das camadas populares, mas não apenas destes, para com a educação dos filhos.

A partir de diagnósticos os mais variados, mas todos baseados na premissa de que, por um lado, é fundamental a participação das famílias na educação dos filhos, mas que, de outro, estavam a demonstrar, naquele momento, um profundo desinteresse e despreparo para lidar com o assunto, buscava-se projetar e desenvolver ações que visavam a reaproximar a família da escola. No seu conjunto, em suas mais diversas elaborações, estas ações demonstram e põem em ação uma intenção colonizadora da escola em relação à família, entendida esta

tarifa como um momento fundamental de ação reformista da escola em face da realidade social mais ampla.

Diante desse ideário renovador onde entendemos que a escola visava estabelecer seus padrões às famílias, buscamos saber como a escola buscou integrar-se com as famílias a favor da educação, porém analisaremos esta questão a partir da contemporaneidade, ou seja, como ocorre em nossos dias.

CAPÍTULO II - A FAMÍLIA E A ESCOLA CONTEMPORÂNEA E OS DESAFIOS DA PARTICIPAÇÃO.

Como percebemos anteriormente, a relação entre família e escola no Brasil vem se constituindo, ainda hoje, ou melhor, sobretudo nos dias de hoje, uma das mais palpitantes questões discutidas por pesquisadores e/ou gestores dos sistemas e unidades de ensino, seja devido a mudanças pelas quais, nas últimas décadas, tem passado à família, seja propiciada pelas constantes e, às vezes radicais alterações observadas na escola, bem como a conseqüente discussão e incertezas acerca do lugar dessas instituições na formação das novas gerações, observa-se hoje uma exaltação da necessidade de se estabelecer um efetivo diálogo entre escola e família.

Podemos apontar também que nos dias atuais as mesmas encontram-se constantemente em conflito, pois a escola muitas vezes reclama da família e a família da escola, ouvimos termos como *“As famílias estão desestruturadas”*; *“ Não há participação da família na vida escolar do aluno, a escola está sozinha na tarefa de educar”*; *“O maior entrave no trabalho do professor é a ausência da família no processo educacional. Falta a presença dos pais”*; *“Eu não vou a reunião na escola pois a professora só quer reclamar do meu filho”*; *Essa escola não ensina nada”*.

Analisando as falas dos sujeitos da escola e das famílias, tentamos refletir sobre essas duas instituições na atualidade. Szymansky (1998) traz uma definição que consideramos interessante sobre o que seria família:

“Teríamos uma família quando as pessoas convivem assumindo o compromisso de uma ligação duradoura entre si, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles para com as crianças e idosos que aparecem nesse contexto. Não há uma definição única de família, na forma de um modelo de “família ideal”. O que é ideal para um grupo pode passar muito longe do que é ideal para outro. Há famílias e famílias, cada uma com sua especificidade”. (SZYMANSKY, 1998: 85),

Segundo a autora, a família não seria só um lugar que possibilitaria a sobrevivência e o desenvolvimento de seres humanos, mas uma das instituições que assumem a tarefa educativa que lhes é autorgada pela sociedade. Para Szymansky (1998), a família é uma das instituições responsáveis pelo processo de socialização realizado mediante práticas exercidas por aqueles que têm o papel de transmissores, os pais, e desenvolvidas junto aos que são os receptores, os filhos. Tais práticas concretizam-se em ações contínuas e habituais, ou seja, nas trocas

interpessoais. Embora não se trate de conhecimento sistematizado (como o da escola), é o resultado da aprendizagem social transmitida de geração em geração. Seu caráter educativo se expressa tanto na finalidade de transmissão de saberes, hábitos, conhecimentos e em procedimentos que garantam sua aquisição e fixação, como também na constante avaliação do que lhes foi transmitido.

Sabemos que as famílias têm apresentado novas configurações, que por suas características pode ser denominada de pós-moderna. Quando falamos em novas configurações familiares, também consideramos que resultam dos casamentos realizados entre pessoas separadas ou divorciadas, juntando filhos de sua união atual aos filhos dos relacionamentos anteriores; essas famílias costumam ser chamadas de reconstruídas.

É cada vez mais comum que a família assuma diferentes formatos e apresente novos valores, diferentes da considerada como a família modelo como a que vigorava historicamente como a tradicional “família nuclear”.

Para Szymansky (1998), a própria idéia de família vem mudando e podemos ver isso em nosso dia-a-dia, modelos além da tradicional, conseqüência entre outros fatores, da saída da mulher para o mercado de trabalho, que transformou a instituição. Não só está questão, mas o aumento do número de divórcios, o controle da natalidade, o declínio da autoridade paterna e marital, a acentuação do individualismo e da liberdade dos membros da família.

Dias (1997), em seu livro *Vivendo em Família: relações de afeto e conflito*, também nos aponta que o desenvolvimento industrial, a urbanização, as correntes migratórias, as alterações na divisão sexual do trabalho e o surgimento de uma ordem moral seriam os segmentos responsáveis por essas mudanças. Outro desafio apontado por Dias a ser enfrentado é que hoje o tempo destinado à convivência é mais escasso, seja pela maior jornada de trabalho, em razão das necessidades econômicas, seja pela solicitação de atividades externas exercidas individualmente ou em grupos extra familiares.

A escola, segundo a autora, teria a sua especificidade, ou seja, a de ensinar conteúdos específicos de áreas do saber, escolhidos como sendo fundamentais para a instrução de novas gerações. Entendemos que as duas instituições têm em comum o fato de prepararem os membros para sua inserção futura na sociedade e para o desenvolvimento de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Ambas desempenham um papel importante na formação do indivíduo.

Porém as questões que observamos e trazemos para nosso estudo são os desafios enfrentados tanto pela família quanto pela escola, que acreditamos gerar alguns conflitos entre as instituições. Um deles seria a questão colocada pela escola, dizendo que as famílias estão

distantes, os pais não participam da vida escolar do aluno, deixando tudo a cargo da escola e sobrecarregando a mesma em funções que não são suas, como ensinar hábitos de higiene, impor regras e limites, valores estes que deveriam ser ensinados pela família.

Dias (1997) aponta que os problemas que mais se percebe a partir dessa discussão sobre a perspectiva da escola em relação à distância ou ausência da família à criança ou jovem na escola seriam: apresentar baixo rendimento escolar, comportamento social coletivo inadequado, falta de concentração, pouco interesse pelos estudos, além do predomínio de muitos atritos e irreverência.

Entendemos que como as demais instituições sociais, a família e a escola, passam por mudanças que redefinem sua estrutura, seu significado e o seu papel na sociedade. É o que tem acontecido nos dias de hoje, em função de diversos fatores, como mencionamos anteriormente. Com isso, os papéis da escola foram ampliados para dar conta das novas demandas da família e da sociedade. É certo que cada segmento apresenta reclamações e expectativas em relação ao outro, acreditamos ser importante refletirmos sobre a necessidade de ambas caminharem juntas, responsabilizando-se mutuamente na formação seja da criança ou do jovem e discutir entre seus pares que, para haver parceria e composição de tarefas, é preciso ter clareza do que cabe a cada uma das instituições.

A escola deve compreender que a família mudou e é com essa família que devemos trabalhar, a mesma precisa ser o espaço de formação/preparação das novas gerações. Valorizar a heterogeneidade em lugar da ambicionada homogeneidade, evitando a discriminação. Finalmente, na relação família/educadores, um sujeito sempre espera algo do outro e, para que isto de fato ocorra é preciso que sejamos capazes de construir de modo coletivo uma relação de diálogo mútuo, onde cada parte envolvida tenha o seu momento de fala, onde exista uma efetiva troca de saberes.

A construção dessa relação implica em uma capacidade de comunicação que exige a compreensão da mensagem que o outro quer transmitir, e para tanto se fazem necessários a competência e o desejo de escutar o que está sendo expresso, bem como a flexibilidade para apreender idéias e valores que podem ser diferentes dos nossos, como cita Vasconcelos (1994):

“No tratamento da questão do relacionamento escola-família, há um sério risco de se cair no jogo do “empurra –empurra”, de um lado os professores dizem que os pais é que são responsáveis pela falta de limites da criança, de outro lado os pais é que culpam os professores pelos problemas enfrentados pelos filhos e a escola culpa o sistema pela má qualidade de ensino. É preciso superar esse jogo, pois não se trata de buscar o culpado, isto só leva ao desgaste em relação ao problema existente. Ao contrário, faz se necessário vislumbrarmos o compromisso

de cada parte, dentro de uma visão de totalidade, buscando que cada um assuma suas respectivas responsabilidades. Numa perspectiva democrática de organização da escola a participação de todos os segmentos da comunidade atendida. Cabe à escola aproveitar todos os momentos (festas, reuniões, visitação, convocação), como formas de interação da relação família e escola, constituindo - se em momentos de conhecimento e, também pode ser um espaço de luta dos vários envolvidos com o processo de construção da sociedade que queremos". (VASCONCELOS, 1994: 93).

Ao apontarmos os possíveis problemas que a escola atribui à falta de participação da família na vida escolar da criança, também trazemos considerações sobre a importância da participação da mesma. Na Revista Nova Escola de junho/ julho de 2006, foi publicada uma matéria intitulada: *“Escola e Família todos aprendem com esta parceria”*, a mesma mostra que a participação de familiares auxilia os alunos a terem sucesso na vida escolar.

A pesquisa realizada pelo instituto La fabrica do Brasil, em conjunto com o Ministério da Educação, mostrou que há um desejo explícito por mais intimidade: 77,25 dos pais acham que um bom relacionamento entre as duas partes é raro, mas 43,3% gostariam que a escola promovesse mais reuniões, palestras e encontros para eles. Já 77,2% dos professores de instituições públicas consideram insatisfatória a participação dos familiares, mas 99,5% crêem ser de extrema importância um contato mais estreito.

A mesma revelou que nos últimos anos percebeu-se que o distanciamento dos pais estava aumentando e que o mercado de trabalho estava absorvendo, cada vez mais, homens e mulheres, reduzindo muito o tempo disponibilizado para o acompanhamento escolar dos filhos.

As considerações que chegaram ao final da mesma relacionadas à participação na vida acadêmica da criança seriam: o rendimento do aluno tende a melhorar muito devido à cobrança positiva da família, fundamental para o processo ensino-aprendizagem, acarretando em uma melhora significativa no desempenho, ganhando segurança, auto-estima e despertando o interesse e a curiosidade, colaborando para diminuir a evasão e a violência, por isso seu compromisso na participação seria indispensável.

Diante dessa pesquisa mencionada anteriormente e da própria fala dos sujeitos da escola e da família, buscamos discutir e analisar o conceito de participação, conceito este tão difundido nesta relação. Como mencionamos em nossos estudos, percebemos que é a escola que na maioria das vezes se posiciona em relação às famílias, e que posição ocupam as famílias na relação com a escola?

Um fato que se torna importante salientar é que muitas vezes a escola cobra a participação das famílias, porém em muitas de suas ações demonstra preconceito ou entrava

sua participação; como exemplo trazemos a fala de uma professora durante o percurso de nossa pesquisa na escola, ao se relacionar a família: “ *Essas mães não têm o que fazer em casa não, ficam no portão da escola vigiando o que vai acontecer, de vez procurar uma louça para lavar*”; “*É a ignorância das famílias de nossas crianças que impede a escola de ensinar*”. A partir desses relatos pressupomos que a maneira com que a escola percebe as famílias pode ser também uma forma de distanciar as mesmas.

Sendo assim, não buscamos posicionar-nos a favor ou contra nenhuma das instituições, mas oferecer subsídios para que as relações estabelecidas favoreçam no bom desenvolvimento da criança, seja do ponto de vista da formação pessoal, da ética, e um melhor estreitamento entre ambas, ao reconhecer suas realidades e necessidades.

De acordo com Paro (1995), em seu livro “*Por dentro da Escola Pública*” o autor traz o conceito a partir da questão relacionada à gestão democrática, na qual supõe a comunidade como parte integrante da escola, quando usa o termo, o mesmo preocupa-se em elucidar a questão da participação nas decisões; segundo ele, participação na escola seria tomar parte nas questões da mesma, na qual os indivíduos buscam para certo fim o interesse comum.

Para o autor, não basta permitir formalmente que os responsáveis participem da escola, é preciso que haja condições materiais propiciadoras dessa participação, exemplo do que o mesmo coloca é a forma com que muitas escolas estruturam e organizam suas atividades e na maioria das vezes buscam favorecer a si próprias, e poucas vezes a família, como: a reunião de pais, que geralmente são feitas em horários em que a maioria dos responsáveis trabalham, sendo assim cria-se muito mais obstáculos, do que estratégias que viabilizem maior participação da família na escola. Entretanto, sabemos, como diz Paro (1995) que:

“A realidade social está repleta de contradições que precisam ser aproveitadas como ponto de partida para ações com vistas à transformação social. A participação da família na escola, como todo processo democrático, é um caminho que se faz ao caminhar”. (PARO, 1995:17)

Outro conceito que também acreditamos ser importante discutir é o de democracia, que na visão de Paro (1995, p.35) seria: “*Valor universal e prática de colaboração recíproca entre grupos e pessoas, é um processo globalizante que, tendencialmente, deve envolver cada indivíduo, na plenitude de sua personalidade*”. Segundo o autor, a prática de muitas escolas está muito longe de atender ao requisito implícito nesta premissa. Se a escola em seu dia-a-dia está permeada pelo autoritarismo nas relações que envolvem direção, professores e demais

funcionários, como esperar então que a participação da família seja na execução ou tomada de decisão na escola, pelo menos, para exercitar relações democráticas.

Uma visão que ele considera distorcida a respeito dos responsáveis (família), como é explicitada na maioria das vezes pela escola, seria a de que os mesmos não participam da escola simplesmente por não terem interesse em participar. Para o mesmo esta colocação se torna objeto de questionamento, devido ao pouco estímulo que a escola oferece à participação e do escasso conhecimento que os integrantes da escola possuem sobre os reais interesses e aspirações das famílias.

Diante das observações acima buscamos analisar algumas pesquisas e autores que buscaram estudar sobre a participação da família na escola, porém o enfoque que buscaremos como em nossa pesquisa monográfica será não só a perspectiva da escola, mas principalmente da família.

A primeira referência que acreditamos ser importante trazer para nosso estudo foi através da autora Marília Sposito (1993), no livro *A Ilusão Fecunda: A luta por Educação nos Movimentos Populares*; a mesma contribui através da narrativa de mães que lutavam por direito à educação “*a fome de educação para os filhos*”. Ela se torna a testemunha e testemunha o desencontro entre o povo e o poder. Além de ver e ouvir, explica o enredo que faz da lavadeira da periferia que luta pela educação dos filhos a nova protagonista dos direitos do povo, “*Não basta você reivindicar a escola, colocar em funcionamento, você tem que estar dentro da escola, pra conseguir fazer ela uma escola boa que entrosa alunos, professores e direção (mãe de aluno-p: 83);*” *Meus filhos precisam aprender porque esse pouco que eu aprendi foi muito pouco. Os meus filhos vão ganhar melhor porque tendo leitura, têm possibilidade de ganhar mais (pai de aluno-p.83).*

A autora traz uma contribuição fundamental sobre os movimentos populares, e os sujeitos da classe popular para sua reflexão, de certo modo reivindicando instrumentos e condições para se emanciparem a si mesmos. A educação nessa luta aparece renovada como meio de libertação, através da participação.

As lutas-reivindicações da época eram: direito a uma vaga na escola, ter o material escolar para estudar, uniforme (falta de condições expressadas pelas mães). Esses eram fatores para excluir crianças e jovens da escola. A mesma mostra mais um dos muitos dramas, pequenos, cotidianos em geral subterrâneos dos que trabalham e moram na periferia.

Essas lutas retratadas pelos excluídos reivindicavam condições fundamentais para garantir o direito à educação escolar; para estes a escola é tida, como vemos na atualidade

pelos estratos populares, como o único meio de acesso às camadas superiores e tanto a própria instituição escolar como as aprendizagens que lá se adquirem são muito valorizadas.

Daí os movimentos populares de lutas por vagas iniciados na década de 50 e atendidos pelo Estado que lhes deu as vagas, porém de má qualidade. Na década de 60, com o regime autoritário, esses movimentos foram reprimidos. Os anos 80 foram marcados pelo confronto entre a escola e os movimentos sociais urbanos. Este confronto ocorre na luta por vagas, mas, em algumas comunidades, a reivindicação por qualidade de ensino também se faz presente, em função da consciência crítica também trazida pelo próprio movimento de luta, ao lutarem por uma educação de qualidade quando desejavam um futuro melhor para os seus filhos.

Buscando um contexto mais atual, tivemos acesso a pesquisa realizada pela jornalista Paola Azevedo, do *Jornal Folha Dirigida*, datada dos dias 1 a 7 de dezembro de 2009, a mesma intitulada “*Pesquisa revela a percepção da sociedade civil Brasileira em relação à participação da família no processo educacional em curso no Brasil*”. A pesquisa foi divulgada no dia 11 de novembro de 2009, em que foi feito um levantamento pelo movimento “*Todos pela Educação*” o qual revelou a opinião da população sobre alguns aspectos da educação, intitulada “*A participação dos pais na educação dos filhos*”; os resultados auxiliam a ampliar os conhecimentos sobre a percepção da população no que diz respeito à participação dos pais na educação dos filhos. Com base nos resultados obtidos, segundo os organizadores da pesquisa, será possível pensar e desenvolver ações que contribuam para tornar mais efetiva a participação da família no processo educativo e, assim, melhorar a qualidade da educação no Brasil. Como diz o presidente do movimento Todos Pela Educação Mozarte Neves Ramos: “*As pesquisas sempre ajudam a sociedade a traçar políticas para melhorar a qualidade da educação, serve para termos uma percepção melhor sobre a educação a partir deste resultado, mobilizando a sociedade para melhorar a educação no nosso país*” (RAMOS, 2009, p.3).

Os resultados obtidos através da pesquisa foram: o quesito mais importante para se ter uma boa educação no país é ter professores competentes e motivados; em segundo lugar, a população acredita que a garantia de vagas na educação básica é também relevante para esta questão. Em seguida, ofertas de reforço escolar, transporte gratuito para ir à escola e a matrícula de crianças com necessidades especiais em escolas regulares contribuem, nesta ordem, para a boa educação.

Outro dado que a pesquisa mostrou é que mais de 80% dos pais que foram ouvidos afirmaram estar sempre atentos para que os filhos não falem às aulas e nem se atrasem;

quando perguntaram sobre a fixação de horários para os estudos, apenas 53% disseram estabelecer e respeitar esses horários.

Acreditamos que essas pesquisas e as referências trazidas nos fazem pensar e contribuem para buscarmos saber a percepção da família, o que as mesmas pensam da escola, quais as expectativas, refletir se realmente participam da vida escolar da criança, seja na questão do aprendizado no que lhe cabe enquanto família, ou no interior da mesma através do diálogo construtivo, execução ou tomada de decisão.

Sendo assim, tentaremos através de entrevistas e relato de experiência realizadas e vivenciadas na Escola Estadual Municipalizada Lúcio Thomé Feteira, local que escolhemos como campo de pesquisa, refletir sobre a perspectiva da família em relação à escola, analisando desde a importância da escola na visão da família, seu papel social, quais as expectativas colocadas em relação à escola e qual a contribuição da mesma para que os objetivos sejam alcançados. Porém não deixaremos de trazer também contribuições e as perspectivas dos professores, contribuindo assim no sentido de estimular educadores e responsáveis a refletirem sobre a importância de desenvolverem subsídios para que haja um maior e melhor estreitamento entre si, tentando promover o reencontro, um diálogo construtivo e reconhecendo as realidades e necessidades de ambas a favor da educação.

CAPÍTULO III- O MOVIMENTO NA REALIDADE - AS PERSPECTIVAS DOS SUJEITOS.

3.1 - CONVERSA INICIAL: ESTREITANDO RELAÇÕES COM OS SUJEITOS.

“É difícil o labor sociológico de desenvolver a explicação científica a partir da perspectiva dos próprios sujeitos, especialmente de sujeitos que estão se construindo como tais, meio perdidos ainda na coisificação da vida que os bloqueia e silencia. Que tornam fecundas as ilusões, pois é na dimensão da história que o sonho se torna luta, revela carências, impugna a injustiça e proclama direitos”. (SPOSITO, 1993:34)

Neste terceiro capítulo discorreremos sobre o trabalho desenvolvido na Escola Municipalizada Lúcio Thomé Feteira; a mesma está situada no Município de São Gonçalo, no bairro Vila Lage e foi inaugurada, segundo relatos coletados no PPP da unidade escolar no ano de 1963, com o nome de Grupo Escolar Lúcio Thomé Feteira. A escola recebeu este nome em homenagem ao fundador da então Companhia Vidreira Nacional, este que teve forte influência na história da industrialização na cidade de São Gonçalo no início da década de 40. Feteira fundou no Rio de Janeiro em 1942 a Companhia Vidreira Nacional, Covibra. Com apoio do Governo do Estado do Rio de Janeiro, a indústria foi instalada em São Gonçalo, na época distrito de Niterói, para aproveitar as areias de boa qualidade do lugar e, em uma primeira etapa, fornecer vidro plano para o mercado formado pela Capital Federal e toda a baixada fluminense. O espaço doado para a construção da escola por Lúcio Thomé Feteira seria para que os filhos dos funcionários da fábrica pudessem ali estudar.

A Unidade escolar com o passar do tempo foi administrada até o ano de 2007 pelo Governo do Estado e no ano de 2008 foi municipalizada, devido, segundo a LDB 9394/96, passar a ser competência dos Municípios a gestão de escolas que atendam ao 1º segmento, como é o caso da escola em que realizamos a pesquisa.

Começamos a lecionar nesta escola no ano de 2008 quando convocada pela rede Municipal de São Gonçalo através do concurso realizado no ano de 2007 para docentes visando lecionar nas escolas municipalizadas e demais unidades que tivessem carência, porém a necessidade inicial seria nessas escolas. Até então a pesquisa seria realizada no CIEP 237- Jornalista Wladimir Herzog, no bairro Paraíso em São Gonçalo, de onde partiram as indagações e questionamentos sobre o tema, porém quando comecei a lecionar na escola no ano de 2008, o tema se fizera presente tanto nas conversas entre os professores, devido à

ausência da família na vida escolar da criança, quanto na forma em que a gestora da escola tratava a questão da participação da família no interior da mesma.

O local em que a escola está situada, segundo o PPP e nossa vivência e inserção na mesma, é de alta periculosidade, existindo nas proximidades tráfico de drogas e muita violência, ocorrendo constantemente diligências policiais e troca de tiros na comunidade entre os traficantes e policiais. A escola fica situada no que a comunidade denomina de “*favela da Coruja*”, local este que aparece constantemente nos jornais da cidade devido às questões relatadas anteriormente.

Como nossa pesquisa é com os sujeitos da escola (familiares e professores), buscamos desenvolver o que chamamos de conversa inicial para conhecer um pouco mais sobre a escola em que estou inserida, a comunidade e quem são estes sujeitos. Esta conversa inicial e as entrevistas foram realizadas com 5 mães de alunos da escola que moram na comunidade “*favela da Coruja*”.

Através desta conversa inicial pudemos entender um pouco mais sobre a realidade da comunidade e a história da própria escola através da fala dos sujeitos que conhecem e vivem no local. Segundo essas mães o lugar não é ruim de morar, mas o que estraga é o tráfico de drogas existente, as pessoas são solidárias, unidas e prestativas, estão sempre prontas para ajudar, é um lugar bom de viver mesmo diante de tudo o que acontece; segundo elas tem que se respeitar as regras do tráfico, não é qualquer coisa que se pode falar, a regra na comunidade diante da lei do tráfico é ser “*cego, surdo e mudo*”. Observemos como mães entrevistadas que nos referiremos como responsável A e C relatam sobre a comunidade:

Responsável A: “Aqui não é um lugar ruim de morar não. O que estraga é o tráfico de drogas, eu sinto um pouco de medo, porque me separei do meu marido e não tenho um homem dentro de casa, então os meninos do tráfico não respeitam, antigamente eles até entravam dentro da minha casa para esconder droga, e fugir da polícia, eu ficava com medo por causa das crianças.”

Responsável B: “Eu gosto muito da comunidade, morar aqui é bom. Os vizinhos são unidos, as pessoas estão sempre prontas para ajudar. Quando vou trabalhar e meu filho fica na rua, os vizinhos colocam pra dentro de casa, é assim um ajudando o outro. O que tem de ruim aqui é o tráfico, não é qualquer coisa que você vê aqui que você pode falar, tem que respeitar as regras deles. Aqui às vezes tem que ser cego, surdo e mudo, por causa dos garotos da boca de fumo.”

Em relação à escola, das cinco mães entrevistadas quatro delas tem seus filhos matriculados desde a gestão do Estado, segundo elas a escola atendia da Educação Infantil até a 4ª série, atual 5º ano de escolaridade com Educação Integral, funcionando no turno da

manhã e da tarde e turmas de Educação Especial. A escola sempre teve problemas de indisciplina, os alunos sempre foram muito agressivos e as brigas são constantes, mas segundo as mães devido à violência na localidade a escola caiu muito em termos de atendimento e qualidade, a falta de professores, o problema de indisciplina e regras na escola; segundo a responsável C: “*era muita bagunça e pouco estudo*”, porém nem sempre foi assim, segundo esta responsável que nos relatou um pouco da história da escola na época em que estudou na unidade o ensino era de ótima qualidade, a comunidade participava das atividades desenvolvidas na escola. Vejamos o que ela relata:

Responsável B: “Meu filho estuda aqui desde pequeno, quando era do Estado. Eu também estudei aqui, essa escola era de ótima qualidade, vinha gente de longe para estudar aqui, o ensino era forte, a comunidade toda participava das festas do Lúcio. Mas muita coisa mudou, a comunidade começou a ficar violenta, os professores não queriam dar mais aula aqui, faltavam muito. Tinha semana que a escola ficava mais fechada do que aberta, então o ensino começou a piorar, tinha Educação Integral, mas era mais bagunça do que aula. Os alunos faziam muita bagunça, não tinha regras, eram muito indisciplinados, e eu acho que as pessoas não se comprometiam muito com a escola, eu acho que por causa do preconceito, por ser escola em comunidade carente”.

Ao sabermos um pouco mais sobre a escola e sobre o passado da mesma percebemos que esta estrutura apresentada segue até nossa entrada para lecionarmos na mesma, vivenciamos o problema da falta de professores e evasão dos que entram para lecionar na unidade, pois se sentem ameaçados com a violência no local, por sentirem medo de entrar na comunidade devido aos constantes tiroteios, a agressividade dos alunos, e algo que trazemos para nossa pesquisa que é a questão da participação da família na escola.

Quando escolhemos esta unidade para trabalhar, ficamos bastante assustadas com a realidade da comunidade, e as condições com que tínhamos que desenvolver o trabalho pedagógico: a falta de material, muitas brigas entre os alunos, a violência local, uma gestão que não mantinha um bom relacionamento com os professores, funcionários e principalmente com a comunidade atendida, sendo esta a família dos alunos gerando uma ausência e evasão de professores, alunos e conseqüente afastamento da família da escola.

Ao realizarmos esta conversa inicial o fato da participação dos familiares na unidade foi lembrado pelas mães, pois quando a escola sofreu o processo de municipalização, a então diretora restringiu a entrada dos pais na escola e estipulou horários de atendimento e dia para que os pais fossem conversar com os professores. Como nos relata a responsável B:

“Antigamente quando a escola foi municipalizada, a primeira diretora proibiu a entrada dos pais, ela achava que só porque a escola está numa comunidade perigosa, todas as pessoas eram de confusão. Essa atitude dela gerou revolta na comunidade, os meninos da boca começaram a invadir a escola à noite e guardar armas e drogas lá dentro.

Desde que o Lúcio existe, a comunidade tinha acesso à escola, eu sei que tem que ter regras, e limites, não é a qualquer hora que um pai, mãe, ou parente da criança vai vir aqui e falar com a professora quando quiser, mas ela proibiu mesmo, mandava até fechar o portão com cadeado, e só abria na hora da entrada, da saída ou quando fosse resolver alguma coisa na secretaria.

Eu não conseguia falar com ela, estava sempre trancada na sala. A diretora colocou a regra de os pais só falarem com os professores nos dias de sexta-feira, 9:30. Como eu trabalhava todos os dias, no horário que podia falar com a professora eu estava trabalhando.”

Diante deste fato relatado como uma “pérola” por esta mãe, sujeito da escola, onde muitas vezes é cobrada a participação na escola, entendemos que não basta ter presente a necessidade de participação da população na escola é preciso verificar em que condições essa participação pode tornar-se realidade. Foi com essa preocupação que realizei a presente pesquisa, que teve como um dos objetivos examinar os desafios e perspectivas que se apresentam à participação da família na escola, pesquisa realizada com os professores da unidade e mães que representam a família na escola, sujeitos estes que terão através da entrevista a oportunidade de expor sua perspectiva sobre a escola.

3.2 - COMO PERCEBEMOS A ESCOLA?

A metodologia que utilizamos para desenvolver a pesquisa foi através de entrevistas com questionário semi-estruturado; nestas, também chamadas focalizadas, buscamos fazer perguntas específicas, mas também demos liberdade para que as entrevistadas respondessem em seus próprios termos (os roteiros de entrevistas estão nos anexos I e II).

Como já relatamos no tópico anterior, buscamos conhecer um pouco mais sobre o local que a escola está inserida e sobre as mães que fizeram parte da pesquisa, sendo essas mães trabalhadoras no lar, ou que exercem atividades fora e dentro do lar, que ajudam ou mantêm a renda familiar para darem condições de vida e sobrevivência para seus filhos. Elas de uma forma solícita receberam nosso convite indo à escola mesmo em período de férias escolares de seus filhos, em seu dia de folga do trabalho, ou depois dos afazeres domésticos para se tornarem porta voz das diversas e diferentes famílias existentes na escola, ou nos recebendo em suas casas, de maneira respeitosa, carinhosa e acima de tudo sincera ao falarem

da unidade escolar de seus filhos e que elas ao participarem da vida acadêmica dos mesmos ou em seu interior se tornam parte da mesma.

Gostaríamos de relatar também a entrada em uma dessas casas que se tornou de uma experiência incrível nesta pesquisa. Marcamos com a mãe de uma aluna minha que nos concederia a entrevista, a filha foi me buscar no portão da escola. Neste dia conheci uma realidade que não me é estranha, porém ao vivenciá-la de uma forma tão real se tornou algo muito impactante. Esta aluna mora dentro do beco onde segundo ela os meninos da boca de fumo do local vendem drogas e se escondem da polícia; ver aqueles meninos tão novos, rapazes e até meninas vendendo drogas e armados me fez sentir medo e tristeza ao encarar aquela realidade, ao saber e sentir o que meus alunos me relatam constantemente ao começarmos o nosso dia letivo, que aquela é a realidade que vivenciam todos os dias, e às vezes não entendemos porque são tão agressivos, xingam todo tipo de palavrão e retratam em seus desenhos armas, cenas de confronto entre polícia e bandido, e cantam funk que se referem ao tráfico de drogas local.

Mas essa mãe me mostrou o outro lado, ao me receber em sua humilde casa, com seus cinco filhos e fazendo quentinha e lanche para vender para os meninos “*da boca de fumo*”, como ela se refere, dizendo que é através desse trabalho que recebe o sustento para seus filhos, e são as meninas maiores, no caso minha aluna e sua irmã que também estuda na mesma escola, que entregam a quentinha para os meninos; esta mãe que me concedeu a entrevista cozinhando pois não podia parar, porém queria participar da mesma, ela que mesmo diante de toda realidade difícil, falou da importância da escola, como atua cobrando ou ajudando para que haja melhorias, pois é reivindicatória e luta por uma educação de qualidade para suas filhas e as crianças da comunidade, como diz em seus relatos.

A entrevista também foi realidade com três professoras da unidade, buscando através do questionário obter respostas sobre a família dos alunos, sua participação na escola, dentre outras perguntas que foram feitas nesta pesquisa. Professoras estas que começaram a lecionar na escola no ano letivo de 2009, que em nossas conversas relataram o medo, as angústias, os desafios, a satisfação e os desejos sobre e para a escola.

Inicialmente buscamos analisar a fala das professoras através das perguntas do questionário e problematiza-las a partir de referenciais teóricos e através da percepção das mesmas sobre a participação da família na escola.

A primeira pergunta que buscamos saber foi sobre a relação que as mesmas têm com as famílias de seus alunos; segundo elas no geral a relação é boa, de reciprocidade visando o aspecto pedagógico, buscando sempre ouvir as reivindicações e reivindicando quando

necessário para o bom desenvolvimento escolar do aluno (a), porém uma professora colocou uma questão não contrária à opinião geral, mas explicitou uma insatisfação nesta relação, como diz a professora C: *“A minha relação com a família dos alunos tem origem no próprio aluno, e se desenvolve em benefício do mesmo, porém nada adianta manter uma relação estável com a família, se a mesma não colabora com o trabalho que faço no dia-a-dia”*. Entendemos que essa insatisfação se dá na questão pedagógica, no que caberia a atribuição da família, como atividades de casa, material escolar, dentre outros.

Refletimos sobre essa questão quando Nogueira (2006), ao conceder uma entrevista à Revista Nova Escola intitulada: *“Escola e Família todos aprendem com esta parceria”*, quando a autora diz que a família e escola compartilham a responsabilidade de educar, mas com objetivos, conteúdos e métodos diferentes. O tipo de aprendizagem acaba definindo o foco de ação de cada uma das partes. Entendemos que a família precisa cumprir seu papel junto à escola e ajudar na medida do possível para o bom desenvolvimento escolar do educando, porém a escola precisa conhecer as famílias, onde e como vivem e identificar os saberes que vêm de casa, não pode abdicar do seu papel: o trabalho formal e sistemático com o conhecimento. Pais não são professores, o conteúdo escolar é tarefa docente. Vejamos o que diz Nogueira (2006):

“A família também não pode abdicar de suas atribuições, destacamos ainda, que sem a participação da família na educação da criança, o trabalho da escola fica restrito, o papel da escola deve ser complementado com a presença dos pais ou responsável da criança, sabemos que a educação, é o que se busca na escola, mas tem outro lado que é o do afeto, do investimento na auto estima da criança, que é fundamental que a família esteja junto. Então, a participação dos pais na educação é muito importante sim, diria até que é prioridade, para que a criança seja bem sucedida”.(NOGUEIRA 2006, p.33):

A segunda e a quarta pergunta foram relacionadas à questão da participação da família na escola e se ela ocorria efetivamente e se teriam algum tipo de reivindicação sobre a mesma. Como as professoras lecionam em turmas diferentes e conseqüentemente lidam com diversas e diferentes configurações familiares, visamos analisar as mesmas num contexto mais amplo, ou seja, no contexto da escola em geral.

As considerações a que chegamos foram que as famílias até participam, mas não de uma forma satisfatória, ou seja, como a escola gostaria que fizessem; para ela as famílias deixam a desejar nas seguintes questões: no interesse sobre as tarefas que são enviadas para casa, incentivo ao aluno, a indisciplina na escola, em relação ao baixo aprendizado e maior integração da família com a escola visando o aspecto pedagógico para que haja eficácia no desenvolvimento do aluno e por último maior freqüência às aulas.

Visando entender um pouco mais sobre o que foi colocado pelas professoras e já discutido no capítulo anterior sobre os desafios da participação, entendemos que este conceito não se restringe somente à participação na aprendizagem como é muito reivindicada pela escola, mas também, como diz Paro (2001), a escola geralmente trabalha mais com a visão da participação em caráter executivo, ou seja, por meio da ajuda nas atividades da escola, festas, reuniões, mas, muito pouco se observa o discurso da participação na tomada de decisões, ou seja, a partilha de poder na escola, algo que ainda é um desafio, pois quando se trata de participação nas decisões, seja para opinar sobre as melhorias necessárias, a qualidade do ensino prestado, dentre outros, as famílias na grande maioria das vezes não são “cobradas”.

A terceira questão que visamos discutir, já que houve o questionamento sobre a participação por parte da escola às famílias, buscamos saber se a escola oferece condições para que haja esta participação tão reivindicada. Segundo as professoras a escola não se restringe a participação ou a presença da família, buscando sempre esta parceria no que for possível e visando conhecer melhor esses familiares para que assim conheçam a história de vida do aluno, porém acreditam que precisa haver regras nesta “forma de participação”, como diz a professora A:

“Eu acredito que a escola não pode se fechar totalmente à participação da família, precisamos ser parceiras para o bom desenvolvimento do aluno, porém precisa-se haver regras para esta participação, principalmente no interior da escola. Como é o caso aqui na escola, tem responsável que acha que pode vir aqui a qualquer hora, e que tem que falar com o professor, interromper a aula. Eu acho que a escola tem que ter regras, não que o professor seja intocável, mas as regras auxiliam no bom andamento da escola”.

Diante do que foi colocado pelas professoras, refletimos no que diz Paro (2001), relacionado à participação democrática, que esta não se dá espontaneamente, sendo antes um processo histórico de construção coletiva. Coloca-se a necessidade de se prever mecanismos institucionais que não apenas viabilizem, mas também incentivem práticas participativas dentro da escola. Acreditamos que através de estratégias desenvolvidas pela escola, ao reconhecer as famílias de seus alunos e ao estreitarem relações nas diversas oportunidades encontradas para que esta se estabeleça, começaremos a romper com muitos conflitos existentes entre família e escola.

Como última questão, perguntamos sobre a perspectiva da escola em relação à família de seus alunos; as respostas obtidas foram que respeitam as características próprias de cada família, principalmente nas diferentes configurações que hoje se apresentam e a escola deve trabalhar com esta nova realidade, porém não criam muitas expectativas, pois segundo elas as

famílias estão deixando de exercer algumas de suas funções para atribuí-las à escola, vemos como essa questão foi mencionada em nosso estudo sendo este um dos desafios enfrentados na atualidade na relação família/escola. Vejamos o que diz a professora C: *“As escolas situadas em “comunidades carentes” entendem que poucas são as famílias que têm condições de colaborar com o desenvolvimento e o aprendizado dos seus filhos, por isso a escola de hoje tenta fazer o papel da família e da escola”*.

Em relação ao que foi colocado anteriormente pela professora C, Paro (1995) diz que a condição de pobreza dos que frequentam a escola também é lembrada, e é imediatamente articulada com um conjunto de carências (alimentar, afetiva, cultural); esse elenco de carências é tido não apenas como obstáculo para aprendizagem dos alunos, mas também como elemento dificultador da participação dos pais nas atividades da escola.

Diante das perspectivas colocadas pelas professoras representantes da escola ao falarem sobre sua relação com as famílias, iremos agora analisar as perspectivas da família, no caso as cinco mães com quem realizamos a entrevista.

A primeira pergunta que fizemos foi sobre a importância e as expectativas das mesmas em relação à escola; as respostas obtidas de maneira geral consideram que a escola é importante, pois prepara para o trabalho e para ter uma profissão, para adquirir conhecimentos e ter uma formação. Segundo elas a família a escola juntas formam a base para que as crianças sejam cidadãos melhores. Em relação às expectativas, elas falaram que desejam um ensino de qualidade para que a criança venha aprender e tenha uma formação, visam à faculdade para os filhos e um bom emprego, porém acreditam que essas questões não dependem só da escola, dizem que a família tem que ajudar em casa, incentivar os estudos e o interesse da criança. Vejamos o que diz mãe (família) E:

“Minha expectativa é que minhas filhas tenham interesse em aprender, consigam terminar os estudos e fazer uma faculdade, ter uma escola de qualidade para todas as pessoas que precisam da escola, não só para minhas filhas. A escola é importante, pois agente só tem alguma coisa nessa vida se tiver estudo. É só pensar no que seria do mundo sem a escola, a escola é a segunda casa, pois as duas ensinam, tem que ter a educação de casa e a da escola”.

Refletimos sobre as respostas apresentadas pela família quando Paro (2001) diz que um dos aspectos mais relevantes da visão que as pessoas têm da educação é o valor que elas atribuem à mesma. De maneira geral, costuma-se admitir que a escola seja valorizada pela população usuária do sistema público de ensino, especialmente como forma de acesso aos mecanismos intelectuais que propiciam ascensão social na escala ocupacional. Em nossa

pesquisa inicial tivemos esta percepção enquanto hipótese e ao analisar as falas dessas mães vemos que é algo que se comprova; para as famílias a escola é um espaço importante que possibilita ao educando a esperança de ascensão social, ou seja, a educação como potencial transformador. Como diz Sposito (1993):

“O sonho de ter mais com o acesso à educação não pode ser apenas entendido como vontade alienada de consumo, está ligado ao desejo de ser mais, numa sociedade em que o ser não está determinado pela individualidade, mas pela posse do dinheiro. A necessidade de ter do trabalhador, pelo contrário, afeta a sua mera sobrevivência: vive para poder manter-se”. (SPOSITO 1993, p.371)

A segunda pergunta foi sobre o ponto de vista da família em relação à escola. Referente a esta questão as mães não se restringiram somente à escola Lúcio Thomé, na qual realizamos a pesquisa, mas também à educação no Brasil. Segundo elas a educação no Brasil melhorou bastante; como aspecto positivo destacaram maior número de vagas, distribuição de materiais e programas que beneficiem a criança na questão do aprendizado e permanência na escola, porém ainda há muita coisa a fazer como investimento de mais recursos por parte dos Governos, melhor remuneração para os professores e investir na qualificação dos mesmos e, na questão da disciplina, pois ultimamente há muita violência nas escolas.

As mães se referiram a esta questão relacionada também à escola Lúcio Thomé; para elas a escola melhorou muito no ano de 2009, como pontos positivos ressaltaram a importância da presença da direção para tratar assuntos envolvendo a família e a escola; a distribuição de material didático; o projeto “Mais Educação” que tem melhorado a aprendizagem da criança e a permanência do mesmo no contra turno, o que as auxiliam a trabalharem mais tranquilas ao saberem que a criança está na escola e não na rua, devido ao perigo do local; a presença de professores mais comprometidos com o ensino favorecendo na qualidade e interesse dos alunos no aprendizado; as festas com a participação da comunidade, pois na gestão anterior assim que a escola foi municipalizada não tinha festas e quando tinha a comunidade não podia participar; a existência de regras, diminuindo a indisciplina que ainda é um dos grandes problemas da escola.

Quando essas mães falam dessas melhorias na escola, que acreditamos ser benéficas e importantes para o bom desenvolvimento da educação, porém não podemos esquecer que o fornecimento de material pelo poder público não pode ser percebido como um favor, mas como um dever, pois como diz Patto (1997, p.294), “*como pagadores de impostos em tudo*

que compram, contribuem para a existência da escola de seus filhos e devem reivindicar ao poder público sua qualidade não como favor, mas como um dever”.

Em relação aos aspectos negativos elas relataram que muitas questões estão sendo gradativamente modificadas como: a indisciplina (os alunos brigam muito e constantemente o responsável tem que ir à escola), mas a existência de regras e punições colocadas pela nova gestão tem diminuído a indisciplina, porém ainda é um ponto negativo; a falta de funcionários na parte da limpeza da escola, inspetores para vigiar e manter a ordem, porque os alunos são muito agressivos e constantemente se machucam nas brigas; a oferta de vagas para Educação Infantil, a comunidade tem muitas crianças nesta faixa etária de Educação Infantil e só tem uma creche na comunidade e não dá para atender a todas as famílias que precisam; a falta de mais professores, pois a maioria que começa a lecionar na escola em um ano letivo, no outro pede remoção na secretária de educação por medo da violência na comunidade. Segundo Paro (1995) em sua pesquisa realizada em uma escola pública em São Paulo e relatada em seu livro *“Por dentro da escola pública”*:

“A questão da violência praticada por marginais está presente nos depoimentos do pessoal da escola e também de alunos e pais. Tal violência, entretanto, mesmo quando freqüente, é tratada como algo excepcionalmente pelos moradores, não podendo ser generalizada para o conjunto da população do bairro ou da favela, o estigma do favelado está muito presente na vida cotidiana, que encontra-se disseminado em toda sociedade”. (PARO, 1995, p.190).

Vejamos o que diz a mãe A sobre esta questão:

“A nossa dificuldade aqui é de funcionários e mais professores, eu acredito que é porque a escola é dentro da favela e muita gente tem medo de vir pra cá dar aula, ou trabalhar como funcionário aqui. Todo início do ano é difícil o começo das aulas, nunca tem professor suficiente, e os que vêm pra cá um ano acabam saindo”.

Como terceira e quarta perguntas questionamos sobre se acham importante a participação da família na escola, como elas participam e avaliam a mesma. As respostas obtidas foram que acham ser muito importante participar tanto da vida escolar do aluno, quanto estar presente na escola. Acreditam que a função da educação não é só da escola, mas também da família, incentivando o aluno, educando em casa (limites e respeito-valores), porém demonstram e explicitam que muitos familiares deixam toda educação a cargo da escola, disseram que tem pais de alunos que não têm interesse na vida escolar da criança.

Em relação à participação as mães colocam que fazem como podem, mas procuram na medida do possível acompanhar, incentivar e estar na escola, seja para ajudar, contribuir ou

reivindicar algo. Como a maioria das mães que entrevistamos trabalham fora, as mesmas colocaram que essa é uma questão que dificulta uma maior participação, como nas festas e reunião de pais, mas procuram se comunicar através de bilhetes para a professora, indo à escola nos dias de folga, enviando algum parente para saber sobre a vida escolar da criança, olhando o caderno e vendo as atividades que realizaram no dia.

Das cinco mães com quem realizamos as entrevistas duas delas participam do Conselho- Escola- Comunidade, conselho este que busca a participação da comunidade nas decisões atribuídas a organização e administração da escola, juntamente com a direção e funcionários da unidade como um direito do cidadão. Segundo essas duas mães ao participarem do Conselho Escolar elas têm a oportunidade de reivindicar e contribuir visando uma escola de qualidade, ao acompanharem quando assinam documentações relacionadas as verbas que chegam à escola ou quanto à necessidade da mesma. Vejamos o que dizem as mães A e C sobre a participação na escola:

“A participação é importante para que haja uma integração entre família e escola. As pessoas geralmente gostam de cobrar da escola, mas também não ajudam. Tem que participar da forma que for, mandando bilhete, ligando para escola, se puder está lá melhor, mas se não puder por causa do trabalho tem que ver um jeito, pois a criança passa uma boa parte do tempo na escola, quando família e escola trabalham juntas, as duas podem conhecer melhor a criança e se ajudarem na educação deles”.

“Eu acredito que participação é estar presente, eu acho que os pais tinham que estar mais presentes na escola, nas reuniões, até no conselho de classe. Quando posso tento estar na escola, para saber como minha filha está se comportando se está respeitando os funcionários, e prestando atenção na aula. Quando estamos participando sabemos como a escola está funcionando. Aqui no Lúcio mesmo, vejo que a escola está melhorando. Melhorou financeiramente, a escola está pintada, já tem material escolar, o projeto. Ainda precisa fazer bastante coisa, mas já está bem melhor”.

Como última pergunta, buscamos através de um dos grandes questionamentos atribuídos pela escola às famílias saber das mães se a escola contribui para que esta participação tão reivindicada aconteça. Segundo elas a escola contribui sim, porém relembrou fatos relacionados à gestão anterior a qual dificultava a participação da família no interior da escola, como já relatamos no início do capítulo três.

Para elas a escola está mais “aberta” para que a família possa participar como foi explicitado: a escola voltou a fazer festas nos sábados, caracterizados como “sábados letivos” favorecendo no incentivo da família a vida escolar do aluno quando estão presentes na escola, pois o estudante/filho ou parente gosta de ver a importância atribuída pela família ao que esta

realiza e possibilita a participação da comunidade na escola; os avisos no portão, facilitando a informação para a família, pois como a maioria mora na comunidade e a escola fica próxima, para elas esta é uma maneira eficaz de comunicação para que a família saiba o que vai ocorrer em seu interior. Como coloca Paro (2001):

“Sem dúvida nenhuma, o processo de informação é um dos elementos de maior importância na efetivação da participação dos usuários na vida da escola. é por meio da informação que os pais e de demais membros da comunidade podem pôr-se a par de seus direitos e deveres para com a instituição escolar, bem como tomar conhecimento dos fatos e relações que se dão no interior do estabelecimento de ensino e que dizem respeito a seus interesses enquanto usuários do mesmo, a informação constitui uma condição necessária ao exercício da participação democrática nas decisões”. (PARO 2001, p. 190).

Outro fato que trouxeram como incentivo à participação foi um melhor relacionamento com os funcionários da escola, pois atualmente o acesso para se comunicar com a diretora e professores sobre questões relacionadas ao aluno ou sobre a escola não é limitado ou restrito como ocorria na gestão anterior, o que fez com que muitas famílias se afastassem. Porém, elas reconhecem que precisa haver regras, entendem que não é a qualquer hora que vão poder conversar com a professora ou diretora devido ao trabalho da escola.

Um ponto que nos chamou bastante atenção foi a percepção das mães na reivindicação da escola sobre a participação, na própria fala delas essa questão foi lembrada e atribuíram importância a essa reivindicação da escola. Segundo elas realmente existem muitas famílias na escola que não estão preocupadas com a vida escolar do aluno, e sabem que não é só por causa do trabalho. De acordo com a mãe E, há até alguns familiares que por se constrangerem nas reuniões, devido à professora da turma às vezes falar mais sobre comportamento das crianças, isso pode ter sido uma das causas para o afastamento da família na escola, mas segundo ela há familiares que não participam porque não querem mesmo.

Sendo assim, refletimos neste capítulo a questão da participação nesta unidade escolar a partir da perspectiva da escola e buscamos dar vez e voz às mães representantes da família não em sua totalidade, mas atribuindo importância à contribuição das mesmas ao relatarem sua perspectiva sobre a escola, a importância e as expectativas sobre a mesma e como podem contribuir ao participarem, visando uma educação de qualidade, reconhecendo os desafios a serem ultrapassados numa relação que na maioria das vezes é conflituosa, porém na qual todos devem visar seguir o mesmo objetivo: a educação da criança.

Considerações finais.

Este trabalho pretendeu analisar a relação entre família/escola na contemporaneidade através da perspectiva da escola e principalmente da família sobre a importância, expectativas, função social e participação na vida escolar da criança nos diversos aspectos percorridos no mesmo.

Podemos perceber que esta relação apresenta na atualidade alguns desencontros e até mesmo conflitos como: questionamentos entre ambas as partes, reclamações, afastamento, preconceitos, dentre outros. Os desafios enfrentados na tarefa de educar entre as duas instituições se tornam algo muito discutido, como por exemplo: a falta de tempo devido ao trabalho e de atividades do dia-a-dia da família e excesso de responsabilidades atribuídas à escola.

Diante das colocações mencionadas anteriormente buscamos pesquisar na E.E.M. Lúcio Thomé Feteira, através de entrevistas com as professoras da unidade escolar e mães representantes das famílias, sobre as perspectivas das mesmas na relação família/escola em seus diversos aspectos.

O que podemos observar através das entrevistas com as professoras foi que na visão das mesmas as famílias da escola no geral não são ausentes, porém precisam participar mais da vida escolar da criança, seja estimulando ou acompanhando mais as atividades enviadas pela escola. Um ponto que julgamos importante ressaltar é que a escola tem buscado auxílio da família na tarefa de educar, no que se relaciona a conteúdo sistematizado, atribuição esta que é da escola; em contrapartida sinalizamos que as famílias também têm atribuído algumas funções à escola que são suas como relações de afeto e disciplinares.

Um dos grandes questionamentos mencionados pelas docentes e observadas em nossa pesquisa refere-se à participação da família no aspecto relacionado à aprendizagem e muito pouca na importância atribuída à participação executiva no interior da escola. Percebemos também, mesmo que de forma inconsciente, certo tipo de preconceito ao tratar da questão referente à aprendizagem, aspecto este tão reivindicado pela escola às famílias, como por exemplo a afirmativa de que *“por serem de comunidade carente, poucos são os que têm condições de colaborar com o aprendizado”*.

Visamos problematizar em nosso estudo que não basta permitir ou reivindicar que os responsáveis participem da escola, mas se torna necessário romper com alguns obstáculos que

se colocam na relação família/escola. Uma delas seria a forma com que se dá essa participação e a percepção da escola sobre as famílias (às vezes constituída de preconceitos).

Sendo assim, buscamos entender principalmente a perspectiva da família nessa relação, visando conhecê-las mesmo não sendo em sua totalidade, mas de forma significativa ao representarem suas aspirações, expectativas, dentre outras questões relacionadas à escola.

De acordo com as mães entrevistadas, a escola apresentou uma melhora e mudanças significativas referente ao ano em que realizamos nossa pesquisa (2009), como infra-estrutura (pintura da escola, ambientação dos espaços para atender a necessidade pedagógica dos professores e alunos); qualidade pedagógica (projetos, bons professores); gestão mais atuante, oportunizando maior abertura à participação da família na escola (informações, reuniões, atividades com participação da comunidade em seu interior); atribuíram importância da escola à formação acadêmica e cidadã da criança e a expectativa colocada na aspiração de uma vida melhor através dos estudos (conseguir um bom trabalho no futuro).

As mães não deixaram de relatar alguns aspectos negativos que precisam ser trabalhados pela escola como: a indisciplina; falta de funcionários devido ao perigo do local; a necessidade de vagas que atenda à Educação Infantil, devido à necessidade da comunidade local.

Outro aspecto que acreditamos ser importante ressaltar através da fala das mães participantes da entrevista, seria relacionado a questões que durante alguns anos foram sendo as possíveis causas da “ausência” ou “descrédito” para um melhor estreitamento na relação família e escola nesta unidade escolar como: a restrição às famílias na imposição de regras relacionadas à participação no interior da escola feita pela gestão no período que a escola foi municipalizada; a forma com que alguns professores se referem aos alunos, principalmente na questão do comportamento indesejável da criança nas reuniões de responsáveis; para elas essa seria uma forma de expor ou ridicularizar a criança e a família.

Ao fazermos menção à perspectiva da família sobre a escola, as mães ainda contribuem de forma consciente e sensível sobre a importância desta parceria para a educação da criança. Segundo elas, essa relação é muito importante e necessária, porém reconhecem que a escola tem razão ao reivindicar a participação das famílias, pois entendem que algumas famílias se omitem e deixam a cargo da escola a educação de algumas crianças cujas famílias se omitem.

Entendemos, através desta contribuição na perspectiva da família, que a questão da falta de participação da mesma na escola não pode ser tratada de uma forma generalizada

como constantemente ouvimos nos discursos educacionais, ou seja, que as famílias não têm interesse de participar ou não estão capacitadas para isto.

Nesse estudo pudemos detectar, através das entrevistas, a perspectiva das mães em relação à escola sobre: a importância de professores qualificados; oferta de vagas para Educação Infantil; a importância da integração família e escola; o despertar do interesse das famílias sobre a vida escolar da criança, os pontos negativos que precisam ser trabalhados visando à melhoria da unidade escolar e a significação atribuída às mudanças e melhorias ocorridas na escola no corrente ano da pesquisa.

Através desta pesquisa buscamos romper com a prática das cobranças e visamos um diálogo construtivo, não dando receitas ou julgando as atitudes das instituições que têm sobre suas responsabilidades a tarefa de educar, mas propondo algumas estratégias a partir do conhecimento mútuo a favor de um estreitamento nesta relação, visando a aproximação e buscando saber o que favorece ou o que atrapalha a relação entre família/escola, seja no aspecto da participação e outras necessidades, seja da família para com a escola, seja da escola para com a família.

Com base nos resultados obtidos, propomos ser possível pensar e desenvolver ações que contribuam para tornar mais efetiva a participação da família no processo educativo e, assim, melhorar a qualidade da educação na unidade escolar.

Entendemos assim que uma condição importante na relação entre família e escola é a criação de um clima de respeito mútuo, favorecendo sentimentos de confiança e competência, tendo claramente delimitados os âmbitos de atuação de cada uma. A estimulação da comunidade, com a participação de seus representantes, também abre perspectivas de uma parceria, na qual a troca de saberes substitua a imposição e o respeito mútuo possa fazer emergir novos modelos educativos, abertos à contínua e necessária mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Infância e da Família*. 2º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

COSTA, Jurandir. F. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 4ºed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

CUNHA, Marcus Vinicius da. *A escola contra a família*. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; **FARIA FILHO**, Luciano Mendes de; **VEIGA**, Cynthia Greive (Orgs). *500 anos de Educação no Brasil*. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 447-469.

DIAS, L.P. *Por dentro da escola: Participação da sociedade civil no Conselho Escola*. In: **SCHEINVAR**, Estela; **ALGEBAILLE**, Eveline (Orgs). *Conselhos Participativos e escola*. 1º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p.105.

DIAS, M.L. *Vivendo em família: relações de afeto e conflito*. 9ºed. São Paulo: Moderna, 1997.p.35.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *O Discurso Educacional Renovador no Brasil (1930-1960) Um estudo sobre as relações entre família e escola*. 1ºed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.pp. 25 -37.

GENTILE, Paola. “*Escola e Família todos aprendem com esta parceria*”, Nova Escola, ANOXXI, nº 193, junho/julho de 2006, pp.32-39.

MELMAN, Jonas. *Família e escola*. 2º ed. São Paulo: Escritura editora, 2001.p.27-39.

NOGUEIRA, M. A. *Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 2º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.p: 19.

PARO,V. H. *Gestão democrática da escola pública*. 3º ed. São Paulo: ed. Ática, 2001.

PARO, V.H. *Por dentro da escola pública*. 2º ed. São Paulo: Xamã, 1995.

POSTER, M. *Teoria crítica da família*. 2º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.p. 25.

SOUZA PATTO, H.M. *A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro.* In: Introdução à Psicologia Social. 3º ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p.280-296.

SPOSITO, M. *A Ilusão Fecunda-A Luta por Educação nos Movimentos Populares.* 1ºed. São Paulo: Edusp, 1993.

SZYMANSKY, H. *A relação família/escola desafios e perspectivas.* 2º ed. Brasília: Líber livro, 1998.

VASCONCELOS, Celso dos S. *Relação Escola Família: da acusação à interação educativa.* In: AEC, Revista de Educação ano:XXI, nº 23, agosto de 1994, p: 92-93

Anexo I

O que dizem as professoras ?

O roteiro de entrevista constou das seguintes perguntas:

- 1) Como você professor, avalia a sua relação com a família dos alunos (no geral)?
- 2) Como você avalia a questão da participação/ parceria da família na escola? Isso ocorre na escola?
- 3) Você acredita que a escola oferece condições para que haja esta participação? Explique.
- 4) Existe algum tipo de reivindicação por parte da escola em relação à família?
- 5) Qual a perspectiva da escola em relação à família?
- 6) O que é democracia?

Anexo II

O que dizem as famílias.

O roteiro de entrevista constou das seguintes perguntas:

- 1)-Para você, quais são a importância e as expectativas em relação à escola?
- 2)-Qual o seu ponto de vista, em relação à escola na atualidade?
- 3)-Você acredita ser importante a participação da família na escola?
- 4)-Como você participa da vida escolar do estudante? Como você avalia a sua participação?
- 5)-As escolas geralmente reclamam muito da falta de participação das famílias. Você acha que a escola contribui para que haja esta participação? Explique.